

REFORMADOR

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE
NOVEMBRO, 1997 ANO 115 Nº 2.024
Fundador: Augusto Elias da Silva
ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL: feb@febrasil.org.br

Editorial - Direito à Vida	2
Um Mundo Melhor - Juvanir Borges de Souza	3
Importância da Psicografia - Umberto Ferreira	7
Imortalidade - Joanna de Ângelis	8
Cornélio Pires - Luiz Carlos Camarão	10
O que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Marco Aurélio I. de Assis	12
No limiar de uma Nova Era - Paulo de Tarso São Thiago	15
Um grande momento... - Wilson Longobucco	17
A Grave Questão da Preguiça Mensal - Orson Peter Carrara	18
Tarefa Espírita - Washington Borges de Souza	20
Esfloando o Evangelho - Varonilmente - Emmanuel	23
Um líder no conceito de Emmanuel - Kleber Halfeld	24
Jesus e a Samaritana - Mário Frigéri	29
Fronteiras do desconhecido - Suely Caldas Schubert	30
A FEB e o Esperanto - Esperanto na União Espírita Mineira - Affonso Soares.....	32
Auto-estima e resignação - Carlos Augusto Abranches	34
A União na construção do Movimento Espírita - Marcelo Paes Barreto	36
Centenário de desencarnação de Júlio César Leal - A. Nogueira da Gama e Z. Wantuil.....	37
REFORMADOR no Centro Espírita	40
A FEB na VIII Bienal do Livro	41
Jésus Gonçalves - O Poeta da Esperança - 50 Anos na Espiritualidade - Carlos Bernardo Loureiro	42
Aborto sentimental - Francisco de A. C. Cajazeiras.....	44
Entrevista / Núbor Facure - Marlene Nobre	45
SEARA ESPÍRITA - FATOS EM NOTÍCIA	50

NOTA: "Em reunião íntima de prece, em Belo Horizonte, Francisco C. Xavier, num ambiente de grande elevação espiritual, recebeu mensagem de um Espírito que não se identificou, assinando apenas "O Espírito". Essa mensagem, que consta de trinta frases dispostas em forma de versos, foi aproveitada por Carlos Augusto Abranches para, comentando-a, compor o livro - "Vozes do Espírito" - que ilustra a nossa capa, com expressivo prefácio de Suely Caldas Schubert."

EDITORIAL

Direito à Vida

A vida humana é um bem inefável, concedida pelo Criador para o aperfeiçoamento do Espírito eterno.

Por isso deve ser defendida e protegida pelas leis humanas, inspiradas na Lei Natural.

Quando, em meados de 1993, a Federação Espírita Brasileira lançou a campanha “Em defesa da Vida”, com larga repercussão não só no Brasil mas também no Exterior, procurou-se conscientizar os governantes, os legisladores, as autoridades e sobretudo a população para a necessidade de defesa consciente contra as múltiplas formas de crimes contra a vida.

A pena de morte, o aborto, o suicídio e a eutanásia foram especialmente focalizados na campanha.

Na atualidade, o aborto absorve a atenção do povo, da imprensa, das autoridades constituídas e das instituições religiosas, diante das diversas posições conflitantes a seu respeito.

Para se tomar uma posição clara e segura sobre tão importante assunto não se pode abstrair de determinados conceitos sobre a vida humana. Ela há que ser defendida desde seu início, desde a concepção da criatura. O fato de a mãe gerar a nova vida no interior de seu corpo não significa que o novo ser possa ser aniquilado a seu completo arbítrio.

A proteção da vida deve iniciar-se desde a concepção.

A mãe, o pai, os familiares, o médico não têm o direito de extirpar a vida.

“O Livro dos Espíritos” é claro, em sua questão 358:

“Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?”

“Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes de seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.”

A única exceção admissível pela Doutrina Espírita é a de o nascimento da criança colocar em risco a vida da mãe. Nesse caso preferível é se sacrifique o nascituro a sacrificar-se a genitora.

Esta exceção coincide com o dispositivo do artigo 128 do Código Penal Brasileiro:

“Não se pune o aborto praticado por médico:

I - se não há outro meio de salvar a vida da gestante.”

Já o que dispõe o Código Penal, no inciso II do mesmo artigo, quando a gravidez resulta de estupro, não é aceito pela Doutrina Espírita.

Se há crime no estupro, compete à lei incriminar o estuprador e não o ser inocente.

A vida merece defesa, consciente e lúcida.

A Doutrina Espírita é roteiro seguro para a defesa do direito à vida.

- // -

Um Mundo Melhor

Juvanir Borges de Souza

A civilização do mundo chegou, na atualidade, quando termina o segundo milênio da Era Cristã, a contrastes inquietantes. De um lado, a Ciência e a Tecnologia levaram a conquistas maravilhosas, das quais desfrutaram, praticamente, todas as nações.

Os meios de comunicação, rápidos e eficientes, suprimiram as distâncias, transformando o Planeta na chamada “aldeia global”, diminuindo consideravelmente as diferenças culturais entre as populações.

As descobertas científicas, no que diz respeito à matéria, beneficiaram não somente os países denominados “de primeiro mundo”, os mais ricos e poderosos. Pelas facilidades da comunicação e pelo interesse natural de todos, os benefícios decorrentes do avanço científico-tecnológico atingem a todos os povos, mesmo os mais retardados.

Assim, a riqueza material e o bem-estar estão se multiplicando e atingindo uma proporção cada vez maior da população mundial, embora ainda existam grandes bolsões humanos, em todos os continentes, onde imperam a miséria e a ignorância.

Mas, de outro lado, considerando-se a natureza espiritual do homem e seu destino, estariam sendo alcançados seus reais objetivos na Terra, com uma vida de facilidades crescentes no que concerne ao seu bem-estar físico?

Em outras palavras, sendo o homem não a massa material de sua aparência, mas o ser eterno, a alma vivente ligada transitoriamente a um corpo, será que o simples progresso no campo material, proporcionando-lhe cada vez mais facilidades, satisfaz-lhe os interesses maiores de sua complexa individualidade?

A resposta para os espíritas, em particular, não oferece a menor dúvida.

Também para os espiritualistas em geral torna-se evidente que para o homem não basta o progresso no campo material, já que os interesses do Espírito eterno precisam ser considerados em primeiro plano.

Uma visão retrospectiva da presença do homem no mundo descortina-nos múltiplas civilizações que se elevaram, tornaram-se conhecidas, marcaram os séculos e os milênios e depois desapareceram. Delas não restaram as efêmeras conquistas, nem a ambição dos condutores ou a ingenuidade dos homens do povo, na sua perspectiva ilusória de uma vida melhor, de facilidades e riquezas.

Das ruínas das civilizações mortas subsistiram somente as idéias daqueles que se elevaram acima dos interesses imediatos da materialidade da vida; dos que pensaram no bem, cultivando o Espírito imortal, dedicando-se à busca da verdade, da realidade, da justiça, do amor e da compreensão; dos que dedicaram seus esforços à melhoria intelectual e moral dos seus contemporâneos e dos que viessem depois.

Na civilização de nossos dias repete-se o que ocorreu nas civilizações do passado. Cultiva-se tudo o que diz respeito ao imediatismo da vida, os prazeres do corpo, as riquezas, o poder, a fama, com esquecimento quase total dos interesses espirituais, do progresso do Espírito, da conquista das virtudes que constituirão o patrimônio indestrutível de cada ser.

Está presente na civilização tecnológica do século XX, com tendência a permanecer no princípio do próximo milênio, uma profunda consciência materialista, restringindo e dificultando as idéias realistas e generosas que encaram o homem como Ser espiritual por excelência.

Esse posicionamento materialista avassala as próprias correntes espiritualistas fundamentadas em religiões e filosofias que não oferecem o suficiente embasamento das verdades e realidades eternas.

O materialismo beneficia-se da inconsistência de determinadas correntes espiritualistas, que se divorciam da realidade, procurando impor ensinamentos do passado superados pelas descobertas da própria Ciência e pelas Revelações providas do Mundo Espiritual Superior, que nunca deixou de influenciar beneficentemente as Humanidades de todos os tempos.

A conseqüência imediata da influência materialista é que inúmeras criaturas que se filiam a correntes de pensamento espiritualista, às religiões oriundas do Cristianismo e do Judaísmo, vivem, na realidade, dentro de uma orientação materialista.

Enfraquecem a posição espiritualista das religiões e filosofias: os dogmas criados pelas religiões, dogmas impróprios por estarem em desacordo com a realidade; os dogmas criados pela ciência materialista, gerando “verdades provisórias”, desmentidas por novos conhecimentos; incapacidade das religiões em retificar seus enganos, diante de revelações novas, sejam de cunho científico (leis naturais, no campo da Astronomia, da Biologia, da Física, da Medicina, etc.) sejam de cunho filosófico - científico - moral como no caso da doutrina da reencarnação, das leis morais da evolução, de causa e efeito e de todas as demais que vieram ao conhecimento humano através da Terceira Revelação.

O resultado observado, diante de uma civilização brilhante, do ponto de vista das conquistas materiais, mas pobre espiritualmente considerada, ora é a perspectiva do nada, ora a do inferno eterno depois de uma vida na Terra, que termina com a morte do corpo.

É natural, pois, que, diante do nada, ou da condenação às penas eternas, perspectivas sombrias para o futuro após a morte, as criaturas se vejam inclinadas a buscar o máximo de gozos e proveitos enquanto podem desfrutar da vida neste mundo conhecido.

Não é difícil imaginar o abalo que o posicionamento individual com tais perspectivas causa nas profundezas do ser, baldo de fé e de esperança no futuro.

Pensar no futuro para o materialista, para o niilista e para o que crê na doutrina religiosa que lhe foi ensinada, mas na qual encontra uma série de incongruências inexplicáveis, passa a ser um tormento.

Que ideal superior cultivar, se não há futuro senão o imediato, nesta vida, ou o suplício dos sofrimentos eternos, depois da morte?

Daí, em grande parte, a série imensa de descalabros morais das sociedades humanas: a imoralidade e a corrupção dominando parcela considerável da população, a começar pelos bem situados economicamente; o egoísmo feroz das classes dominantes, que se tornam insensíveis às necessidades mais prementes dos menos favorecidos; a violência, como meio de solução dos conflitos individuais e coletivos; a indiferença dos ricos, dos poderosos e dos poderes constituídos diante da miséria e da ignorância de milhões de criaturas humanas; a falta de solidariedade e de fraternidade; a parcialidade da justiça humana apegada a fórmulas nem sempre equitativas; o suicídio como solução final para as situações julgadas insolúveis; os conflitos armados entre nações e entre etnias.

Poderíamos continuar apontando uma série de outras calamidades de ordem moral que atingem o homem moderno. Mas a síntese acima, que está à vista de qualquer observador atento, mostra que o nosso “habitat” continua sendo um mundo atrasado, de expiações e provas, apesar do progresso material alcançado.

Porventura um mundo de expiações e provas, como o nosso, na classificação espírita, estará fadado, para sempre, a só alcançar o progresso material, vedando-se-lhe o progresso moral?

Evidentemente que não.

Inúmeros fatos observados na própria História das Humanidades que têm passado por este Orbe comprovam que o seu progresso não se tem operado somente no campo material, mas também sob os aspectos espiritual e moral.

Ocorre nos mundos materiais, como o nosso, que a evolução desses orbes e dos seres que os habitam se faz mais rapidamente no campo do conhecimento da matéria, com suas conseqüências imediatas, quando, no âmbito espiritual-moral, o progresso é mais lento.

Para obviar o desequilíbrio nas duas vertentes da evolução dos seres nos mundos inferiores, a Providência Divina cuida de restabelecer o equilíbrio, através da intervenção dos seus grandes missionários, que se incumbem de incentivar o progresso moral.

Os avatares das antigas religiões orientais, Moisés, representando a Primeira Revelação, a presença do Cristo de Deus, há 2.000 anos, e a Terceira Revelação, com o Consolador, são demonstrações evidentes da assistência permanente do Criador do Universo para que a Terra, ao lado do progresso promovido pelos próprios homens, evolua também espiritualmente.

O socorro do Alto são alertas aos homens para não se deixarem transviar do caminho reto das conquistas do saber e das virtudes.

Esses chamamentos dirigem-se ao íntimo das criaturas, instruindo os homens sobre as verdades eternas, despertando-os para ideais superiores, incutindo-lhes esperança e fé.

A mensagem do Cristo, por exemplo, dirige-se a toda a Humanidade. Mesmo que não entendida em toda sua beleza, realismo e plenitude, por deficiência interpretativa de seus tutelados, qualquer de seus ensinamentos ou de suas regras de comportamento são normas de vida que promovem a ascensão humana, tornando o homem melhor, mais compreensivo e capaz de exercitar o amor ao próximo.

A Revelação Espírita, revivendo os mesmos ensinamentos do Cristo, descerra o mundo espiritual, a pátria comum de todas as almas, boas ou más, sábias ou ignorantes, mostrando ao homem o futuro que o espera após o túmulo.

Provando que a morte é apenas parcial, atingindo o corpo físico mas não a essência do ser, que continua sua trajetória infinita, só com esse fato comprovado derruba toda a concepção materialista do nada após a morte.

Outras verdades reveladas pelos Espíritos Superiores, a serviço do Cristo, retificam concepções das religiões tradicionais, demonstrando que há uma Justiça Superior que leva em consideração todos os pensamentos e ações das criaturas. Que o inferno e o Céu não são lugares de sofrimento e de gozo eternos, mas figurações, estados de consciência que corresponderão “a cada um segundo suas obras” .

Assim, a Mensagem do Cristo e a Revelação Espírita tomadas como normas de vida individual e coletiva, têm uma importância essencial na reeducação do homem, possibilitando a supressão do quadro deprimente em que se agitam as sociedades atuais.

Conjugadas as duas Grandes Revelações, poder-se-á esperar, com certeza, um mundo novo, eqüitativo, muito mais justo, onde o amor e a justiça serão constantemente buscados como elementos reguladores da verdadeira sabedoria e da ordem para todos.

Com elas, na prática da vida, o egoísmo, o orgulho e seus conseqüências serão permanentemente combatidos, como causas de todos os males.

Os sofrimentos serão melhor entendidos e atenuados; o trabalho será um dever enquanto a criatura tiver condições de executá-lo; a vida, em todos os seus aspectos, revestir-se-á de maior respeitabilidade e dignidade.

Em conseqüência, com uma compreensão justa da vida, do próprio ser e de seu destino, o homem novo, reeducado dentro das realidades das duas Grandes Revelações voltar-se-á naturalmente para Deus, seu Criador.

Esse o mundo regenerado que esperamos, para o qual terão de trabalhar todos os que idealizam o Bem como meta.

Os espíritas, por já terem tomado conhecimento da Doutrina Consoladora, por serem os “trabalhadores da última hora”, são os naturais obreiros das transformações que se anunciam de um mundo iníquo, dos nossos dias, em mundo de regeneração, a que todos aspiramos.

Não falta aos espíritas sinceramente desejosos de servir à Grande Causa as advertências mais claras da Espiritualidade Superior a propósito da necessidade de vigilância permanente para que não haja desvios de rumos, infelizmente ainda existentes:

“Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou; mas, atenção! entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparai, pois, vosso caminho e segui a verdade.” - Erasto, Paris, 1863 - (“O Evangelho segundo o Espiritismo” - Cap. XX, pág. 314 da ed. FEB.)

- // -

Importância da Psicografia

Umberto Ferreira

Um expositor foi convidado a proferir palestra num Centro Espírita, em reunião pública na qual haveria trabalho de psicografia.

Logo que chegou, um dos trabalhadores da casa alertou-o que não falasse muito alto para não atrapalhar a psicografia.

O recinto estava lotado. Havia caravanas de outras cidades. A expectativa era grande. Os trabalhos se iniciaram com a leitura de página de “O Evangelho segundo o Espiritismo”. Um aparelho de som fora ligado. Música excessivamente alta. O médium começou a psicografar e o orador a falar. Os olhares se dirigiam maciçamente para o médium em atividade. Várias pessoas se ergueram de seus lugares com máquinas fotográficas nas mãos e os flashes passaram a iluminar mais ainda o ambiente.

O orador teve a impressão de estar falando sozinho. Uma parte do público parecia estar interessada apenas na psicografia; a outra, nos passes. Uns poucos encarnados demonstravam interesse na palestra.

Com grande esforço, o expositor conseguiu falar durante quinze minutos.

Nenhum espírita consciente tem dúvida de que o estudo e a divulgação da Doutrina Espírita são atividades prioritárias dos Centros Espíritas. A mediunidade é importante e foi através dela que o conteúdo espírita foi transmitido à Humanidade.

Privilegiar o fenômeno mediúnic, como no caso acima, não é medida adequada. É uma inversão de valores. Para este tipo de comportamento não se encontra fundamentação nas obras básicas, nem nas complementares.

Não se trata de não valorizar a mediunidade, particularmente a psicografia, mas de reservar para ela o horário mais conveniente, não invadindo o tempo e o espaço do estudo e da divulgação da Doutrina Espírita. O que não se concebe é o sacrifício do estudo doutrinário.

Por outro lado, muitas pessoas que comparecem aos Centros Espíritas em que há psicografia nunca foram a uma casa espírita. É importante, pois, aproveitar esse momento para dar-lhes uma idéia do que é o Espiritismo, da riqueza dos seus ensinamentos, das respostas que contém para um grande número de dúvidas do ser humano.

Outro cuidado que deve ser tomado é o de não alimentar uma idéia que está muito enraizada na mente das pessoas: a de que a psicografia seja uma espécie de faculdade exclusiva de Espíritos mais evoluídos, o que gera em torno do médium uma onda de endeusamento e, em torno da própria mediunidade psicográfica, uma espécie de aura mítica.

- // -

IMORTALIDADE

Durante o trânsito carnal é possível que não te dê conta da fragilidade na qual assentas as tuas aspirações e trabalhas os teus planos.

Não poucas vezes tens a impressão que o carro orgânico prosseguirá deslizando pelas estradas atapetadas da juventude, do prazer, das programações agradáveis. Enfermidade, sofrimento, desar, envelhecimento e morte, supões, são ocorrências que atingem apenas as outras pessoas, nunca a ti.

Pensavas que o anjo da morte somente descesse as suas asas sobre os outros, a fim de arrebatá-los, não imaginando que isso pudesse ocorrer também contigo...

Lentamente, porém, despertas para a realidade corporal.

A forma física apolínea ou venusina, a mocidade risonha e o encantamento feliz cedem lugar às modificações naturais quão inevitáveis da estrutura física, ao envelhecimento, à decrepitude, aos dissabores, quando a morte não os precede, inesperada, implacavelmente.

Os acidentes de veículos arrebatam vidas humanas com volúpia crescente, e os esportes, violentos quanto perigosos, carregam homens e mulheres juvenis, demonstrando que não há prazo estabelecido para o encerramento da jornada, nem preferência exclusiva pelos enfermos, pelos desditosos e pelos envelhecidos...

É necessário que acordes para os impositivos da imortalidade, conscientizando-te dos elevados objetivos da existência corporal.

Estás mergulhado no oceano da imortalidade, queiras ou não.

O corpo, de que o Espírito se utiliza, é qual escafandro adequado para a experiência da evolução mediante o processo reencarnatório.

É útil, e resguarda o *mergulhador*, mas tem utilidade limitada, efêmera, que cessa, logo esteja concluído o objetivo para o qual é utilizado.

A vida não sucumbe no momento da morte.

Se tal ocorresse, ela mesma seria paradoxal, destituída de sentido real.

Tudo no mundo experimenta contínuas transformações, incessantes alterações, por que o ser humano deve sucumbir?

Faze uma análise mais profunda e perceberás que o *milagre* da imortalidade se apresenta em todo o processo da evolução.

Há um incessante progresso natural e um inestancável desenvolvimento, que se apresentam a cada momento, sempre mais enriquecedores, intérminos.

A vida, como consequência, não cessa, pois prosseguindo, abençoada e alvissareira após o túmulo, dando curso a esse movimento de sublimação.

Reflexiona a respeito da transitoriedade carnal, e elabora programas de qualidade superior, a que possas dar prosseguimento quando encerrares o ciclo orgânico.

Viverás, e serás caracterizado pelos teus pensamentos, palavras e ações da atualidade, que ressumarão do inconsciente, tomando-te por inteiro e vitalizando-te.

Pensa, fala e age, portanto corretamente, a fim de que despertes feliz após a tumba.

O mesmo ocorrerá com todos a quem amas ou não - eles viverão.

Aqueles que te anteciparam na viagem de retorno, esperam-te.

Não os pranteies em desespero, nem duvides da sua existência.

Recorda-os com carinho, e envia-lhes pensamentos bons, saudáveis, rememorando-os nos momentos felizes que tiveram, quando estavam na Terra.

Essa evocação alcançá-los-á com ternura e os despertará se estiverem adormecidos, assim como os felicitará, caso se encontrem lúcidos.

Mantém com eles os vínculos de amor que te sustentarão nos fios da esperança em favor do breve reencontro feliz.

Jesus retornou da sepultura em exuberante imortalidade, a fim de nos oferecer para sempre a certeza de que a existência corporal passa com brevidade, mas a vida infinita e grandiosa jamais se interromperá.

JOANNA DE ÂNGELIS

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, em 8-9-1997, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador - BA.)

- // -

Cornélio Pires

Luiz Carlos Camarão

“Assim foi que, recebendo claras instruções, me tornei espírita dos menorezinhos e dos mais ignorantes.”

No mês de julho passado, Cornélio Pires, cuja profissão de fé destacamos acima, completaria 113 anos de nascimento.

Enquanto falamos isso, quantos ainda não conhecem o nosso referenciado por certo estarão construindo, mentalmente, a imagem de um cidadão bastante idoso, cabelos totalmente brancos, pele macerada pelo tempo, ar cansado, denotando o esforço sobre-humano de haver atravessado a linha demarcadora de um século de existência física.

Quando Cornélio Pires reencarnou neste mundo, o autor destas linhas ainda estava na erraticidade, possivelmente planejando e se preparando para a presente encarnação.

Foi no dia 13 de julho de 1884, que o casal Raimundo Pires de Campos Camargo e Ana Joaquina Campos Pinto recebeu em seus braços paternos o menino Cornélio. Morava o casal em Tietê, Estado de São Paulo, e longe estava de imaginar que aquele menino se tornaria um dos maiores representantes da poesia folclorista em nossa Pátria. Cornélio Pires viria a ser, também, famoso humorista, cinegrafista, radialista, contista e, o que é mais importante, um brasileiro dos mais patriotas e um verdadeiro homem de bem. Aliás, esta última característica é a que mais impressiona a memória da sociedade em que viveu, trabalhou e que continua a prestigiar.

Sem Solução de Continuidade

Ao desencarnar com quase setenta e quatro anos de idade, em 17 de fevereiro de 1958, enquanto os jornais noticiavam o ocorrido e os críticos literários com os olhos voltados para o livro da existência exclusivamente material lamentavam a partida desse grande expoente das letras, após o atordoamento natural que a desencarnação provoca sobre o Espírito recém-liberto do corpo, Cornélio Pires despertava, perfeitamente lúcido, no Mundo Maior. E, com vigor redobrado, buscava continuar sua produção literária, agora utilizando, como ferramenta de materialização de sua inspiração, os preciosos canais da mediunidade, principalmente de Francisco Cândido Xavier e de Waldo Vieira.

E por falar em produção literária, a de Cornélio Pires, enquanto encarnado, é bastante extensa, sendo importante citar que, tendo aceito as luzes da Doutrina Espírita, ainda em seu corpo físico, traz para a intimidade de suas obras a temática do Espiritismo, publicando, em 1944, o livro “Coisas d’Outro Mundo” e, em 1947, “Onde Estás, ó Morte?”. Desencarnou quando escrevia “Coletânea Espírita”.

É no trabalho de divulgação do Espiritismo, iniciado em 1944, que destacamos o esforço do autor, agora no Mundo Espiritual onde continua seu papel de semeador.

Do Além, Cornélio Pires tem-nos brindado com uma série de quadras e sonetos que cantam as realidades da vida eterna, a sublimidade da reencarnação, e nos alertam para os malefícios decorrentes de nos deixarmos contaminar pelos germes do egoísmo, do orgulho, da avareza e de tantos outros comportamentos nocivos que comprometem o nosso futuro espiritual. E tudo isso sempre naquele estilo agradável, gostoso, alegre, que caracteriza o Cornélio Pires de ontem, de hoje, de sempre.

Onde Ler Cornélio Pires, Espírito

Vamos encontrar quadras e sonetos de Cornélio Pires, Espírito, nos livros: “O Espírito de Cornélio Pires” (FEB); “Retratos da Vida” (CEC); “Conversa Firme” (CEC); “Baú de casos” (IDEAL); “Coisas deste Mundo” (O CLARIM) e “Oferta de Amigo” (IDE). Desses, consideramos “O Espírito de Cornélio Pires”, editado pela Federação Espírita Brasileira, a principal referência para quem quer conhecer Cornélio na intimidade.

Nesta obra, a Nota de Limiar, elaborada por Elias Barbosa e datada de 1º de agosto de 1965, reúne dados biográficos do poeta, apresenta a relação completa de suas obras, enquanto encarnado, e faz uma importante análise crítico-literária tão ao sabor dos apaixonados pela Literatura. Como em um palco de apresentações, reproduz belos sonetos e trovas do Autor Espiritual, psicografados por Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier.

Mais informações biográficas podem ser encontradas, também, em diversas revistas e livros espíritas, dentre os quais destacamos: Anuário Espírita 84 (Texto de Antônio de Souza Lucena) e Anuário Espírita 1995 (Texto de Paulo Alves Godoy) publicados pelo Instituto de Difusão Espírita (IDE); “Escritores e Fantasmas”, de Jorge Rizzini, Editora Difusora Cultural; e “Antologia dos Imortais”, editado pela Federação Espírita Brasileira (FEB).

Finalmente, trovas e versos de Cornélio Pires estão profusamente espalhados por diversos jornais, revistas e livros espíritas, constituindo imenso acervo de ensinamentos para a Eternidade, lenitivo para o sofrimento humano, forte e claro raio de esperança para toda a Humanidade.

- // -

O que temos nós contigo, Jesus Nazareno?

Marco Aurélio L. de Assis

“Ah! que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus. “ (MARCOS, 1:24.)

Os espíritas e todos aqueles que conhecem as realidades do intercâmbio entre os ditos vivos com aqueles ditos mortos são naturalmente levados a entender a passagem acima como a fala que um Espírito obsessor dirige a Jesus. O Espírito impuro, tal como mencionado tantas vezes no relato evangélico, sabe com quem se defronta; reconhece a natureza sublime do Filho de Deus, para, no entanto, dar a entender que em seu mundo íntimo prevalece a resistência e a perseverança na posição assumida. Teme, apenas, a destruição dos grilhões mentais que o prendem àquela situação infeliz. Obedece à ordem do Senhor e se afasta em definitivo.

Na realidade, aí temos o fato. Todavia, e sem desprezar as lições que dele ainda poderemos extrair, também nos é lícito tomar o versículo independentemente do contexto onde se insere, considerando com Pedro: “Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. “ (II Pedro, 1:20.)

Com efeito, para dar curso aos nossos comentários, cabe observar a trajetória do homem ao longo desses quase vinte séculos. Sem embargo da mensagem divina que nos foi oferecida por aquele que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”, advertindo-nos “que ninguém vai ao Pai senão por mim”, viemos até hoje percorrendo veredas obscuras, no equívoco lamentável de segregar as verdades evangélicas aos momentos de adoração nos templos de pedra. Nesse despautério, dando mostra da fragilidade do entendimento diante das coisas santas - santas pelo que encerram de verdade -, ousamos traçar uma divisória a separar as regras aplicáveis às nossas ações comuns daquelas que entendemos dedicadas às questões de ordem religiosa. Estas últimas - viemos até ontem rebatendo - seriam de ocupação exclusiva dos sacerdotes.

E aí incorremos em grande erro que vem desde os homens do passado, que em última análise somos nós mesmos, agora e mais uma vez reencarnados. Aproveu-nos buscar o caminho estabelecido a partir do que produziu a nossa vã filosofia. Denotando total descaso pela vinda entre nós do Filho de Deus, fomos, no decorrer dos séculos, submergindo-nos no oceano da própria ignorância. Despreocupados, deixamos ergastular a tal ponto a palavra evangélica, que do Alto, e no tempo próprio, vigorosa medida se buscou no sentido de retomarem os homens o contato com a letra dos Evangelhos - a letra, por aquele momento e nas condições da humanidade de então é o que seria possível - e a reforma de Lutero, Calvino e outros, haveria de ser aquele passo.

Cheios de orgulho, pretensiosos, julgando-nos sábios e prudentes, exibindo, vaidosos, longas túnicas, construímos suntuosa galeria em honra ao espírito humano, ornada dos bustos de pensadores veneráveis em meio à multidão daqueles ilustres perante a História dos homens, grande cópia deles apenas cegos tentando guiar outros cegos... Movimentamo-nos, ainda, e por muitas vezes sem saber discernir o bom do ruim, em meio a referências doutas, citações eruditas, comentários cultos e elaborados e, em última análise, quase sempre apenas exumando teorias que negam a verdade e a vida e aclamam o nada.

Enquanto isso, o roteiro ofertado pelo Cristo de Deus permaneceu à margem, esquecido dos homens. Aquelas verdades inexcedíveis, apresentadas na singeleza dos símbolos da Natureza e da vida de todos os dias, eram tesouro incompreensível à percepção do homem comum, desatento das questões primordiais da vida, isso porque ele, o homem comum, querendo ganhar a vida, perde-a no tremedal da suas emoções angustiantes. Então, conforme a promessa divina, surge o Consolador...

Sim, a doutrina legada do Alto, e compilada por Kardec, esclarece mentes e consola corações. O que antes não se ajustava à razão de muitos perquiridores honestos transforma-se, ao toque das claridades disseminadas pelo novo arauto, em compreensão clara da justiça divina. Surge, então, vivo, o entendimento dos direitos e responsabilidades de cada criatura. O que antes se apresentava como injustificável abandono do Pai, fica esclarecido como inexcedível sabedoria que só então o homem começa a divisar em sua feição infinita. Herança sagrada do Pai Excelso, a vida se descortina com beleza inigualável, com grandeza jamais suspeitada.

Um compasso irresistível, ao empuxo da fé e da razão, as novas verdades que vêm de ser reveladas espalham-se por entre os homens, prenunciando o porvir do bem e do belo. É o Evangelho redivivo em Espírito e Verdade!

Cabe ao homem, em meio às suas tristes reminiscências, arqueado ao peso de sua consciência ainda comprometida com o erro, a luta consigo mesmo, intensa e sem tréguas. Todavia, a espada que Ele nos trouxe é companheira da Paz que Ele nos legou. E cada golpe vitorioso sobre os instintos, sobre os reflexos do ontem e sobre a ignorância do homem velho é conquista imperecível do homem novo.

A luta é áspera e os homens, noviços ainda nos caminhos que levam ao Cristo, confundem-se, hesitam e nem sempre conseguem entender e crer. Quantas vezes retornam aos juízos e aos modos de agir do passado, sem mesmo aperceberem-se disso, desatentos quanto ao proceder e ao que convém? Por outro lado, quantas vezes atendem conscientemente aos apelos do ontem? E, pior ainda, quantas vezes, em procedendo assim, buscam uma justificativa malsã, considerando que "o mundo é assim mesmo", ou "todos estão fazendo isso" ou ainda, "o lado material dos negócios tem outras regras". Nessas condições voltam ao passado. Buscando a dicotomia impossível das leis da vida, caminham em círculos, como o viajor sem rumo. É impossível servir à Deus e a Mamon.

É imprescindível, nesse momento, que cada um entenda da urgência e da universalidade do Evangelho. Jesus, quando no-lo apresentou, não o fez sob restrições. Não nos disse: " - Usem destas regras apenas antes e depois de efetuarem os seus negócios terrenos ou decidirem das suas questões materiais." Pelo contrário, exprobrou com veemência os vendilhões do templo.

Dessarte, sob qualquer condição, tomemos o Evangelho como roteiro. O que nos é pedido agora - para o nosso próprio bem e felicidade - é que abandonemos de vez os falsos caminhos. Não nos deixemos iludir outra vez por valores equivocados.

Ninguém pode - nem lhe é pedido - dar mais do que possui. Agir consoante o Evangelho não é adotar posição equivocadamente angelical e assumir uma postura incompatível consigo mesmo. É, sobretudo, o esforço na ação do bem, sob o exame da própria consciência, segundo os talentos que cada qual vai adquirindo.

Estamos diante do alvorecer de uma nova era. A era do Espírito. Em conseqüência, o Planeta, na sua marcha evolutiva, gradualmente irá ingressando na categoria dos mundos de regeneração. Entretanto, por essas condições, não é ajuizado supor que as relações comerciais terão fim entre os homens. Nem que as questões econômico-sociais estarão miraculosamente equacionadas. Imprescindível compreender que os graves problemas do trabalho e da distribuição dos bens, entre outros, estarão à nossa frente, aguardando solução. O empregador e o empregado ainda permanecerão por muito tempo no cenário do mundo dos homens. Importa compreender que

só a nós caberá a solução. E ela só virá com a evangelização do homem. Com a aplicação dos preceitos de Jesus às suas ações e decisões. De todos e de cada um, não importando sua posição no imenso comboio denominado humanidade. Já perdemos muito tempo e angariamos muito sofrimento buscando alternativas fora do quadro proposto pelo Evangelho.

Aqueles que consideram essa uma solução muito distante, quase utópica, responderemos que não há outro caminho - e a direção da obra está nas mãos augustas de Jesus.

Somos chamados para a construção do milênio que se aproxima.

Já vamos dando mostra desse progresso. Observemos que determinados preceitos evangélicos são adotados como práticas administrativas do homem. Se antes a orientação geral sempre foi a de investigar os ângulos negativos das pessoas, coisas e situações, hoje o administrador moderno toma suas decisões a partir da prudência e do exame dos aspectos positivos: a melhor parte, consoante a lição de Jesus no episódio de Marta e Maria (Lucas, 10:38-42).

Isso é apenas um exemplo. É um grande erro supor que as coisas da sustentação material do homem não podem ser atendidas sob a visão do Evangelho. Ao contrário! À medida que a Humanidade se aprimora e a sociedade se educa, mais relevantes se mostram os sinais da participação cooperativa do homem por intermédio das suas instituições.

Voltemos nossos olhos para cerca de cem anos atrás. Lancemos, agora, nossa imaginação para o futuro daqui a outros cem anos e figuremos as conquistas possíveis, considerando sempre a crescente evangelização do homem. E como reforço à nossa participação de agora, lembremo-nos de que por volta desse tempo, muito provavelmente estaremos outra vez mergulhados na carne. E o mundo nos estará recebendo conforme as sementes que agora lançamos.

Diante dessas coisas, se ainda outras vezes se erguerem para considerar a impossibilidade prática da orientação do Evangelho em todas as ações do homem, na verdade estaremos apenas ouvindo: "Ah! que temos contigo, Jesus Nazareno?"

- // -

No limiar de uma Nova Era

Paulo de Tarso São Thiago

No dia 18 de Abril deste ano, a publicação de “O Livro dos Espíritos” completou cento e quarenta anos. Suplementada por outras quatro, essa obra representa um marco importante na História da Humanidade, ainda que a sua transcendência permanecesse ignorada durante muito tempo, nos meios científicos, filosóficos e religiosos e junto ao público em geral. Somente nas últimas décadas é que ela começou realmente a se tornar conhecida e respeitada por parcelas significativas de camadas diferenciadas da população, particularmente no Brasil. Mesmo entre as chamadas elites intelectuais, os vigorosos ensinamentos nela contidos já não são como antes rechaçados a priori e com veemência.

De regra, não mais se percebe, por parte de quem a rejeita, aquele sentimento quase instintivo de repulsa, diante das idéias consideradas extravagantes ou perniciosas. Lá se vão os tempos em que se queimavam obras espíritas em praça pública ou em que os adeptos da novel doutrina sofriam acirrada pressão moral e mesmo agressões físicas.

Após os textos da Codificação, muitas publicações foram surgindo em todo o Mundo, reafirmando os postulados da Doutrina Espírita. Em terras brasileiras, ela assentou raízes e frutificou, avultando, por sua importância, as obras de cunho diversificado, psicografadas pelo missionário Francisco Cândido Xavier.

A época é outra. Sem dúvida chegaram os tempos, anunciados pelos Espíritos Superiores, em que a Terra passará por profundas transformações. E estas transformações já se iniciaram e podem ser percebidas, através de alguns sinais característicos. Este período de transição, de duração imprevisível, poderá ser doloroso. Dependerá de cada um de nós, de cada ser humano, reduzi-lo em tempo e torná-lo menos traumático.

Jesus, o guia e condutor deste planeta, com Seu profundo olhar de amor e compaixão, vela pela Humanidade. A próxima meta é expurgar o mal que ainda grassa no seio da comunidade humana. O bem terá de imperar e a Terra, de acordo com a nomenclatura adotada pela Codificação, transmutar-se-á de Mundo de Expições e Provas para Mundo de Regeneração.

Como diz, com muita propriedade, Dalva Silva Souza*, “a transição de uma categoria de mundo para outra não se processa sem abalos. Há um momento em que o antigo e o novo se confrontam, estabelecendo a desordem e a aparência de caos... A sociedade do mundo de regeneração já está, pois, emergindo em nossas vidas. Ela traz consigo novos estilos de família, novos modos de trabalhar, de amar e de viver, uma nova economia; novos conflitos políticos; uma consciência renovada”.

O Espiritismo, sendo o Consolador prometido pelo Mestre por ocasião da última ceia com os apóstolos em Jerusalém (João, 14:15-17 e 26), vem contribuindo efetivamente para que aquela meta seja atingida, através da divulgação, permanente, serena e continuada, dos seus postulados.

Cada vez mais se reduzem, no seio da população, as resistências em aceitá-los, porque a lógica cristalina que os envolve torna-os irresistíveis. Não é mais possível admitirem-se idéias, como a unicidade da existência terrena, as penas eternas e a ressurreição da carne. Ao invés disso, são mais condizentes com a sabedoria e o amor divinos as crenças nas múltiplas existências corporais e na evolução incessante de todos os seres criados, rumo à perfeição espiritual. Essas crenças não são dogmáticas, mas firmemente embasadas na razão e em observações científicas realizadas nos últimos cento e quarenta anos.

As novas gerações mais e mais se vêm tornando receptíveis aos postulados espíritas, o que pode ser considerado um dos sinais característicos dos novos tempos.

Recordamo-nos que, há aproximadamente quarenta anos, na década de cinqüenta, quando tentávamos abordar, com colegas ou amigos, as questões da existência, das atribulações e da morte, sob a ótica espírita, a reação negativa era instantânea. As nossas considerações eram geralmente recebidas com expressões de mofa, de repúdio ou de ofensa. Dificilmente tais coisas acontecem hoje, a não ser entre pessoas de mente retrógrada e obscurantista.

Às vezes somos tentados a considerar essa espécie de abertura ou arejamento mental, essa receptividade em relação às coisas “transcendentais” ou espirituais e ao Espiritismo em particular, como resultado de um modismo que, à semelhança de todos os modismos, um dia fenecerá. Seria um movimento ideológico-cultural em que se destaca o componente místico e no qual se percebe forte influência de doutrinas esotéricas e de filosofias orientais, originadas especialmente na Índia, China e Japão.

Esse *boom* esotérico-transcendentalista, refletido, por exemplo, na expansão extraordinária do consumo da literatura correlata, talvez seja o sintoma mais visível de uma aspiração íntima que se generaliza. A aspiração de solucionar os grandes enigmas relacionados com a condição humana. É mais provável, portanto, que estejamos presenciando a sinais concretos da grande mudança espiritual anunciada.

As ciências, as filosofias e as religiões, apesar de terem contribuído decisivamente para a construção das civilizações e para o progresso da Humanidade, não conseguiram solucionar três singelas questões: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? A Doutrina Espírita tem as respostas a estas questões e as expõe de maneira clara e objetiva. Não faz uso daqueles rebuscamentos intrincados e hiperbólicos, tão comuns entre certos filósofos e pensadores, cujas frases são bonitas e o raciocínio profundo, continuando, porém, os problemas carentes de solução.

Como fruto do pensamento, não de um homem, nem de um grupo de homens, mas de uma plêiade de entidades angélicas, coordenadas pelo Espírito de Verdade e inspiradas por Jesus, essa doutrina traz em seu bojo a força e a credibilidade que lhe dão as verdades eternas.

Contudo, é preciso que se esteja atento no seio do Movimento Espírita, no sentido de se manter o vigor da Doutrina e neutralizar quaisquer tendências, ainda próprias do ser humano em geral, para reduzir os grandes vôos do espírito ao formalismo e à rotina.

Os postulados espíritas e todas as novas informações credenciadas, advindas do Plano Espiritual ou descobertas através do método científico, devem permear e enriquecer todos os campos de conhecimento humano. Não podem permanecer restritos a um corpo doutrinário próprio e estanque, sob pena de se cristalizarem e perderem o dinamismo, uma das virtudes por excelência da Terceira Revelação.

E, acima de tudo, não devemos perder de vista que o Espiritismo, em sua vertente ético-moral, é o rejuvenescimento do Cristianismo, na sua pureza original, tal qual foi exposto pelo Cristo, há dois mil anos.

* SOUZA, Dalva Silva. O Mundo em que vivemos. REFORMADOR, março, 1997, nº 2016, pág. 80.

Um grande momento...

Wilson Longobucco

Com a deflagração da Campanha de Divulgação do Espiritismo em todo o País, Campanha esta, que em boa hora fora aprovada pelo Conselho Federativo Nacional e impulsionada pela Federação Espírita Brasileira, a Doutrina Espírita, fora e dentro do país, vive um grande momento.

Nunca se divulgou tanto o Espiritismo como agora. A Campanha vem atingindo os quatro cantos do Brasil, num projeto arrojado, dirigido, muito audacioso e acima de tudo estratégico.

Estão nas bancas de jornais, ao preço de R\$ 3,00 (três reais), edições de bolso de “O Livro dos Espíritos” e de “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Com essa iniciativa, o público em geral (não espírita) tem acesso direto, a preço acessível, ao livro espírita. Isso sem falar nos cartazes, folders, outdoors, Rádio, TV via satélite, a Internet, etc.

É justamente através do livro espírita que os leitores, ávidos que estão de conhecimentos transcendentais, encontrarão conceitos novos e mais aprofundados a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das leis que regem a vida, descobrindo, ainda, o que somos, de onde viemos, para onde vamos, qual o objetivo da nossa existência e qual a razão da dor e do sofrimento.

Por aí, podemos compreender o extraordinário impulso na difusão, no estudo e na vivência da Doutrina Espírita.

Não tenhamos dúvidas, está soprando no ar uma suave brisa favorável ao interesse e esclarecimento a respeito dos assuntos relativos ao Espírito. E não vamos nem falar do alavancamento que vem sendo dado pela Mídia. Explico: refiro-me ao filme “Ghost”, e à novela “A Viagem”, que, aliás, está sendo reexibida pela Rede Globo de Televisão. Hoje, a palavra “reencarnação” está na boca do povo.

Todavia, ainda nos falta o entendimento maior e a conscientização de uma divulgação espírita sem os pruridos da vaidade e do personalismo.

Nem tudo são flores; por outro lado observamos os ataques e investidas de algumas religiões que, por ignorância ou mesmo por má-fé, tentam, teimosamente, denegrir o Espiritismo perante o grande público, usando os seus discursos já ultrapassados e comportamentos farisaicos sem conseguirem encobrir a luz meridiana da Doutrina dos Espíritos.

Esses segmentos religiosos terão que, mais cedo ou mais tarde, adequar-se à realidade do Espírito. Se assim não o fizerem perderão o grande comboio do progresso espiritual, ficando irremediavelmente na contramão da história, ficarão a reboque da evolução planetária que se avizinha a passos largos.

Apesar dos apelos nefastos desses corifeus da iniquidade, a sociedade já está entendendo que o Espiritismo traz conceitos novos sobre o homem e tudo o que o cerca. E mais, já compreende que o Espiritismo respeita todas as religiões, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece que **“o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”**.* (Grifamos.)

* KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 3, pág. 272, 113ª ed. FEB. 1997.

A Grave Questão da Preguiça Mental

Orson Peter Carrara

Um dos grandes obstáculos ao progresso humano está na preguiça mental. O homem prefere receber as informações “mastigadas” pela mídia ao invés de dedicar-se ao estudo que exige o raciocínio. A TV ainda impera sobre o livro.

Sabendo disso, muitos mestres, em todos os tempos, utilizam o recurso de contar histórias ou histórias para transmitir o ensinamento que se propõem a divulgar. E para prender a atenção do público a que se destina, toda mensagem é revestida dos mais variados recursos que atraem. Assim a TV, o rádio, o vídeo, o teatro. Muitas vezes o conteúdo não é bom, mas a embalagem atrai e prende a atenção. E engana, como ocorre com a publicidade do cigarro, por exemplo...

E os espíritas, como ficamos? Temos uma maravilhosa mensagem, toda ela voltada para o crescimento do ser humano. Precisamos, sem dúvida, utilizar todos os modernos meios de comunicação para transmitir essa mensagem ao grande público. Os recursos tecnológicos da atualidade, como microfone, telão, vídeo, retroprojeter, projetor de *slides*, som, computador e outros facilitam muito a divulgação das idéias espíritas.

Voltando ao início de nosso pensamento, verificamos que o recurso de contar histórias ou histórias facilita e muito a transmissão da divulgação doutrinária. Não é por acaso que renomados autores encarnados e desencarnados usam a forma romanceada, e nem foi por outra razão que Jesus também usou as parábolas para ensinar. Este recurso realmente consegue transmitir o ensinamento com muita objetividade, facilita a memorização do ensinamento, prende a atenção. Na tribuna, por exemplo, ele tem um efeito excelente, principalmente se descontraído.

Mas, analisemos uma parábola de Jesus: *A Parábola dos Dois Filhos*. Em breve resumo, a parábola indica um Pai e dois filhos, convidados para trabalharem na vinha do Pai. O primeiro promete ir, mas não vai. Já o segundo filho, rebelde-se dizendo que não vai, arrepende-se depois e acaba indo. À luz da Doutrina Espírita, podemos extrair o ensinamento da parábola. O texto em si é a embalagem que precisamos desembulhar para conhecer o conteúdo e dele extrair o ensinamento. Também em breve resumo, podemos concluir que o Pai da parábola é Deus. Os filhos somos todos nós, detentores do livre-arbítrio, com a liberdade de opção de trabalhar ou não na seara do Pai. Seara é todo o campo de trabalho que Deus nos oferece.

Observemos que o Pai não impõe condições, nem reprova o comportamento. Respeita a liberdade dos filhos. Com o texto embalado pela história, pode-se extrair muitos ensinamentos, em conteúdo e grande profundidade.

A parábola é um convite para sairmos da ociosidade, é um apelo ao trabalho em favor de um mundo melhor, porém a decisão é de cada um. Há muito o que se fazer em favor uns dos outros, nos variados campos da atividade humana, mas também e principalmente no uso da caridade e do amor...

Já a assimilação do ensinamento só por palavras é como o filho que diz que vai e não vai, fica adiando sua transformação no bem ou o trabalho em favor do semelhante. Como diz a parábola, não é preferível o filho às vezes indisciplinado, mas que toma depois a decisão de se melhorar e trabalhar na vinha do Senhor? No pequeno exemplo da parábola referida está a embalagem a ser aberta e no seu interior a pérola do ensinamento. Libertemo-nos, pois, da preguiça mental e mergulhemos no raciocínio a fim de extrair da Doutrina Espírita, com sua extensa e variada literatura, as luzes do Evangelho de Jesus, a fim de não sermos os indecisos como cristãos de aparência que dizem mas não fazem, que adiam o progresso...

E para os que preferem a acomodação mental, continuemos a utilizar o recurso das estórias e histórias, a fim de fixar com mais facilidade a divulgação das idéias de Jesus e dos ideais de nossa querida Doutrina.

Para concluir, contudo, e considerando os valores libertadores trazidos pela Doutrina Espírita em favor do homem, trago aos leitores transcrição parcial do capítulo *A Conclusão da Pesquisa*, pelo Espírito Ignacio Bittencourt * , onde o autor, ao referir-se a minuciosa pesquisa levada a efeito nas Esperas Superiores, na qual os Excelsos Dirigentes do Espiritismo “chegaram à conclusão de que, junto às calamitosas quedas morais e às deserções deploráveis de numerosos companheiros responsáveis pelo serviço libertador, entre todas as causas que dificultam a marcha da Nova Revelação na Terra, destaca-se, em posição de espetacular e doloroso relevo, a preguiça mental”.

VIEIRA, Waldo. Seareiros de Volta, por Espíritos Diversos. 5ª ed. FEB, 1993.

- // -

Tarefa Espírita

Washington Borges de Souza

O Espiritismo ensina que os Espíritos são criados simples e ignorantes e, de conformidade com a resposta dada à questão 132 de “O Livro dos Espíritos”, que “DEUS lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição”.

A vida na matéria densa é, pois, meio natural de efetuar-se o desenvolvimento do Espírito, é onde ele adquire experiência ao passar pela seqüência de encarnações, enfrentando toda ordem de dificuldades.

A Justiça Divina determina que todos iniciem a jornada nas mesmas condições e em suas sucessivas reencarnações construam o caráter e a grandeza necessários à sua destinação.

Esclarece, ainda, essa majestosa Doutrina, que a encarnação tem, também, o objetivo de fazer com que os Espíritos colaborem na obra divina.

O ser humano é, portanto, a criação por excelência, eis que pode desfrutar da beleza e da grandiosidade do Universo e ajudar na obra do Criador.

Vê-se, pois, que a citação de um curto trecho da Codificação dá-nos ensejo para valiosas e importantes deduções, com embasamento na razão pura e em cerrada lógica.

Algumas dessas conclusões sobressaem-se e, desde logo, destaca-se a de que o Espiritismo é Doutrina Universal, seu alcance é infinito, sua pujança está na própria Natureza. A precariedade do adiantamento da Terra, sobretudo moral, ainda não permite que seus habitantes absorvam integralmente tal magnitude e, por isso mesmo, ela é ainda mundo de provas e expiações.

Felizmente, muitas pessoas já puderam alcançar a realidade da existência de DEUS e do Espírito e há um juízo firmado, entre inúmeras outras criaturas, a respeito da reencarnação, das faculdades da alma, da comunicabilidade entre os Espíritos, encarnados e desencarnados, além de várias outras conquistas preciosas na rota evolutiva. Porém, os próprios Espíritos afirmam, expressamente, conforme consta na resposta dada à pergunta 798, do mencionado “O Livro dos Espíritos”, com referência ao Espiritismo: “Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos.”

O Espírito progride intelectual e moralmente, mas, quase sempre se opera, em primeiro lugar, o progresso da inteligência. Todavia, o aprimoramento desta conduz ao aperfeiçoamento moral. A educação, em sentido amplo, é, portanto, poderosa alavanca de progresso.

Atualmente, a grande necessidade da Humanidade é a do adiantamento moral. As conquistas nas áreas científica, tecnológica, intelectual e cultural são inegáveis. Mas o imperativo, no momento, é o do avanço religioso, moral, da sociedade. É inadiável esse impulso, daí o empenho que se nota em incrementá-lo, por parte dos Espíritos e de muitas mentes dedicadas ao bem comum.

Os arautos da verdade e os incentivadores do progresso, de ambos os planos da vida, têm disseminado, por todo o Mundo, o ensino de JESUS atinente às leis que governam a existência, as quais, quando forem devidamente observadas e cumpridas, libertar-nos-ão das dores e sofrimentos.

O Evangelho do Divino Mestre é o portal de luz que se abre para todas as venturas. Há imperiosa necessidade, nos dias atuais assim como em todo o curso da História humana, desse impulso, da proteção e encaminhamento que essa dádiva divina significa.

Assolado pelas imperfeições, angustiado por toda espécie de vicissitudes e batido pela descrença e incerteza, o coração humano pulsa no vazio das desilusões e na amargura dos resgates.

O quadro de sofrimentos e privações com que se defrontam as populações é realmente desolador. As religiões tradicionais que deveriam, por suas finalidades precípuas, atender aos anseios e preencher as lacunas e carências da alma, mostram-se incapazes e, em razão disso, seus templos cada vez mais se esvaziam, atadas a dogmas superados, paralisadas no tempo.

Numerosas seitas têm surgido, em face de discordâncias e dissensões, sem, contudo nenhuma delas oferecer, sequer, um raio de esperança ao adepto desiludido. Enquanto isso sucede, os Espíritos benfeitores continuam, de ânimo sempre renovado, a iluminar as mentes, ora com o exemplo de alívio de uma dor, ora com a consolação que reacende a fé e afasta a dúvida.

É fato incontestável que o auxílio e o consolo que as criaturas não encontram no companheiro de jornada são procurados junto aos Espíritos

À Doutrina Espírita está, pois, reservada a sublime tarefa de educar, auxiliar, aliviar, esclarecer, socorrer, consolar, conduzir, atuar, enfim, em todas as necessidades peculiares ao homem, eis que o encaminhamento natural da vida conduz todos a esse Consolador.

Ao espírita consciente e sincero, o primeiro dever que se lhe apresenta, como de resto, a toda criatura, é aquele de acolher no coração o pedido de socorro, de qualquer procedência, do justo ou do culpado, do que traz ou não nos reflexos da alma a fé, seja ou não amigo ou conhecido. A obrigação primária de qualquer espírita é a mesma imposta a toda pessoa pelas leis naturais, sobretudo pela norma universal do amor, recomendada expressamente por JESUS que a pratiquemos com DEUS, com o próximo e mesmo conosco.

Desse modo, pois, no porvir, todos estaremos resguardados contra os sofrimentos não somente pelo amor do PAI mas, também, pelo de nossos semelhantes. Será a vida futura naquele reinado de luz e de felicidade ao qual se referiu o Divino Amigo: “Meu reino não é deste Mundo.”

A mais eloqüente manifestação de amor ao próximo é o exercício da caridade em qualquer de suas inúmeras feições. Tal prática não se limita aos gestos de dar uma esmola, aliviar uma dor, mitigar a fome ou ofertar um agasalho. Jamais devemos olvidar que, se não existe quem seja tão pobre que não possa doar alguma coisa, também não há quem seja tão rico que não necessite de uma ajuda qualquer. Ninguém pode penetrar a intimidade indevassável do coração humano para desvendar suas angústias.

A atividade caridosa, muitas vezes mais árdua, consiste em conseguir perdoar sem restrições os gestos de superioridade, compreender, silenciar diante da ofensa injusta ou rogar a DEUS Sua bênção aos que surgem como nossos inimigos ou simplesmente adversários.

Outrossim, jamais será demasiado lembrar que essa virtude será sempre eficiente e poderosa no combate aos nossos vícios e imperfeições permanentes.

Raramente damos a devida atenção ao semelhante, ou conseguimos a paciência indicada para ouvir as lamentações decorrentes dos infortúnios alheios. Seria enfadonho alinhar os exemplos em que, inadvertidamente, negligenciamos no trato com o semelhante. Devemos estar atentos a isso a fim de diminuir a distância que nos afasta do reto cumprimento do dever cristão.

Por outro lado, é erro inferir que a tarefa do espírita restrinja-se à atribuição natural de socorrer, postado em um balcão de atendimento ou confinado entre as paredes do reduto espírita. Seu campo de ação é amplo, ilimitado, e sua missão tão variada quanto o é a necessidade alheia. Iguamente alarga-se a sua aptidão de atendimento à medida que aumenta a sua capacidade de amar.

Do mesmo modo, no império do Espírito, as faculdades que podem ser colocadas a serviço e em proveito do bem geral e de nossa própria evolução têm diferentes empregos e proveitos, de conformidade com a concessão divina, com os dons naturais imanentes em cada criatura. Todos podemos servir. Este opera a cura por seus próprios recursos, aquele encaminha pela palavra, outro reanima, conforta, alivia, clareia a via ou acende a candeia de esperança.

As bênçãos de DEUS, tais como as fontes benfazejas da crosta terrestre estão espalhadas por toda parte, para ensinar a caminhar, iluminar a senda e facilitar a jornada. Cabe a cada um recolher a oferta generosa e seguir. A ajuda espiritual sábia é semelhante à sinalização das estradas: indica a direção certa e alerta para os perigos e as curvas do caminho.

Dentro das Casas, Centros ou Instituições Espíritas, as tarefas, como não poderia deixar de ocorrer, estão distribuídas de acordo com as aptidões, natureza e capacidade de cada pessoa ou com o interesse ou necessidade da respectiva estrutura de cada uma daquelas entidades. Mas, não se pode nunca esquecer que todas as funções ali desempenhadas são realmente importantes, desde as mais humildes até as do dirigente. Onde haja discriminação no tratamento dispensado às criaturas está caracterizada a inaptidão de quem a pratica, para o exercício de qualquer ofício que enobreça a alma. Pelo menos no ambiente espírita devem ser, quanto antes, iniciados o aprendizado e a aplicação dos princípios da justiça e da fraternidade que, no futuro, balizarão o progresso do Planeta e a evolução do nosso Espírito.

É sempre oportuno lembrar, também, que, em nosso Mundo, as dificuldades e aflições da vida de cada um repontam em toda parte. Entretanto, assim como a escola ensina a resolver problemas, essas dificuldades aprimoram-nos e nos ensinam a alcançar solução para nossa ignorância.

Todas as vicissitudes revertem-se sempre em experiência e aprendizado. As próprias afeições que nos abandonam, amargurando nossa alma, um dia, retornam. Enquanto as esperamos, aprendemos que o amor constrói e sustenta a vida e que o tempo ensina a amar e a perdoar.

O nosso próximo é o permanente elo que nos liga ao Criador. O ambiente espírita deve constituir-se em bênção especial capaz de iluminar a alma e proporcionar a felicidade de podermos estar entre pessoas que também buscam a alegria de servir e o privilégio de ajudar segundo as disposições da lei e em nome de DEUS.

- // -

Esflorando o Evangelho

VARONILMENTE

Emmanuel

“Vigiai, estai firmes na fé, portai-vos varonilmente, sede fortes.” - **Paulo** (I CORÍNTIOS, 16:13.)

Vigiai na luta comum.

Permaneçei firmes na fé, ante a tempestade.

Portai-vos varonilmente em todos os lances difíceis.

Sede fortes na dor, para guardar-lhe a lição de luz.

Reveste-se o conselho de Paulo aos Coríntios, ainda hoje, de surpreendente oportunidade.

Para conquistarmos os valores substanciais da redenção, é imprescindível conservar a fortaleza de ânimo de quem confia no Senhor e em si mesmo.

Não vale a chuva de lágrimas despropositadas, ante a falta cometida.

Arrependermo-nos de qualquer gesto maligno é dever, mas pranteá-lo indefinidamente é roubar tempo ao serviço de retificação.

Certo, o mal deliberado é um crime, todavia, o erro impensado é ensinamento valioso, sempre que o homem se inclina aos desígnios do Senhor.

Sem resistência moral, no turbilhão de conflitos purificadores, o coração mais nobre se despedaça.

Não nos cabe, portanto, repousar no serviço de elevação.

É natural que venhamos a tropeçar muitas vezes.

É compreensível que nos firamos freqüentemente nos espinhos da senda.

Lastimável, contudo, será a nossa situação toda vez que exigirmos rede macia de consolações indébitas, interrompendo a marcha para o Alto.

O cristão não é aprendiz de repouso falso. Discípulo de um Mestre que serviu sem acepção de pessoas até à cruz, compete-lhe trabalhar na sementeira e na seara do Infinito Bem, vigiando, ajudando e agindo varonilmente.

(Do livro “Fonte Viva”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 90, págs. 209 e 210, 21ª ed. FEB.)

- // -

Um líder no conceito de Emmanuel

Kleber Halfeld

Eles tiveram lugar de destaque nas coletividades.

Foram respeitados pelo que disseram ou realizaram. Os que alcançaram patamares elevados de espiritualidade, dentro de um sistema evolutivo, buscaram nortear aqueles que os cercavam, para cometimentos nobres tendo por divisa: Verdade e Perfeição.

Os que permaneceram presos em angustiantes labirintos criados pela própria incúria não hesitaram levar o próximo a tortuosos caminhos.

Eram líderes.

O mundo os tem conhecido em todos os tempos.

Impressionaram gerações e entraram para as páginas da História.

Receberam nomes como Catarina a Grande, Chu-En-Lai, Napoleão Bonaparte, Golda Meir, De Gaule, Adolpho Hitler, Simon Bolivar, Washington, Gandhi.

E outros.

Quando a Nova Cultural lançou a série “Os Grandes Líderes”, no tomo que enfoca a figura de Gandhi, o leitor teve ensejo de ler estas expressões, impressas na capa de fundo:

“Mohandas Karamchand Gandhi, arquiteto da independência da Índia, foi a combinação única de um político extremamente hábil e de um humanista cuja dedicação estava próxima da santidade. Depois de sentir na própria pele o racismo e as injustiças do colonialismo britânico na África do Sul, Gandhi retornou à Índia determinado a ajudar na luta de seus compatriotas pela independência do país. Perseguiu esse objetivo sem jamais se desviar daquilo que constituía o princípio fundamental de suas concepções éticas, políticas e filosóficas: o princípio da não-violência. Amado e admirado por milhões de pessoas, o Mahatma foi para seus contemporâneos e para todos aqueles que viram nele uma fonte de inspiração a consciência do seu país e do mundo. “

A responsabilidade do volume sobre a vida e a obra de um dos maiores vultos que a Índia conheceu foi entregue pela Editora a Catherine Bush, bacharel em literatura Comparada pela Universidade Yale, Estados Unidos, e autora de textos de ficção e de estudos críticos de literatura que através de expressões de apreciada simplicidade, mas concomitantemente de bem redigidos textos, soube transmitir ao leitor os conflitos e sofrimentos pelos quais passou Gandhi, objetivando libertar o povo indiano do domínio inglês.

Há que considerar de início uma expressão desse respeitável vulto. Constituirá ele uma legenda em torno da qual serão desenvolvidas algumas apreciações, ao mesmo tempo que, claramente, sintetizará o pensamento do grande líder diante da tarefa de que estava investido. Missão, aliás, quem sabe, contraída mesmo antes de reencarnar no grande país asiático do Ganges, do Sutley e do Jumma; da terra que acolheu Viasa, Krishna e Buda; da pátria dos marajás e dos párias.

É de Gandhi o texto a seguir:

“Minha convicção pessoal é absolutamente clara. Não tenho o direito de magoar nenhum ser vivo, muito menos seres humanos como eu, ainda que eles possam causar grandes males a mim e aos meus. Por isso ao mesmo tempo que considerando o domínio britânico uma calamidade, não pretendo causar danos a um único cidadão inglês, ou a qualquer interesse legítimo que ele possa ter na Índia... Sei que, empenhando-me pela não-violência, estarei correndo o que poderia ser chamado de um grande risco, mas as vitórias da verdade jamais foram alcançadas sem riscos! E transformar uma nação que, consciente ou inconscientemente, foi opressora de outra, mais numerosa, mais antiga e não menos civilizada que ela própria, merece correr qualquer risco.”

Lendo semelhante trecho, ficamos a meditar quão diferente daqueles divulgados, por exemplo, por algumas figuras políticas da Alemanha das décadas de 30 e 40, cujo sonho de conquista custou a vida de milhares de soldados ingleses, franceses e americanos, de 20 milhões de soviéticos e de mais de 6 milhões de judeus, a maioria morta nos campos de concentração de Bergen-Belsen, Auschwitz, Treblinka, Buchenwald e outros.

Quando em 1939, ano do início da Segunda Grande Guerra Mundial, foi lançada pela Federação Espírita Brasileira a obra "A Caminho da Luz", de autoria do Espírito Emmanuel, através de Francisco Cândido Xavier, estava Gandhi com 70 anos e ainda com vigor entregava-se na Índia à luta pela independência do País através daquilo que chamou de "não-violência". Uma luta que teria sua recompensa anos mais tarde, ou seja, em 15 de agosto de 1947, quando a Índia se tornou uma República Federal dentro da Comunidade Britânica, oportunidade em que proclamou Jawaharlal Nehru seu primeiro-ministro.

O livro de Emmanuel - "uma história da civilização à luz do Espiritismo" - em seu capítulo V (A Índia) contém gravada curiosa afirmativa do autor. Depois de referir-se às disparidades sociais existentes no país do Ganges, escreve ele:

"Ainda hoje, o Espírito iluminado de Gandhi, que é obrigado a agir na esfera da mais atenciosa psicologia dos seus irmãos de raça não conseguiu eliminar esses absurdos do seio do grande povo de iniciados e profetas." (Grifei.)

A afirmativa conduz minha lembrança ao sempre querido e lembrado irmão de Doutrina, Newton Boechat.

Há alguns anos, após uma palestra em um Centro Espírita de Juiz de Fora, tive ensejo de, no recesso de meu lar, dele ouvir este esclarecimento:

- Em meus diálogos com nosso amoroso Chico, afirmou-me ele que Emmanuel é uma Entidade Espiritual que nunca fez referência elogiosa, de público, a uma pessoa encarnada, exceção feita a Gandhi!

E ante minha surpresa, informou:

- Leia no capítulo V de "A Caminho da Luz" .

Ainda complementou:

- O Chico afirma que André Luiz, que todos julgam um Espírito muito severo, circunspecto, é muito aberto e ameno nos diálogos; o Emmanuel, sim, é muito rígido no raciocínio. Entretanto, não pôde furtar-se em dar elogio adjetivo a Gandhi.

Após tais considerações passa-se a refletir:

- Um elogio solto a esmo por Emmanuel?

De forma alguma. Era, a afirmativa, o resultado de longa observação do Plano Espiritual à figura simples de quem fizera da existência na Índia uma luta contínua em benefício de sua população. Do homem que, através de suas palavras e conduta, identificava-se com os conceitos apregoados pelo Espiritismo, há um século!

Buscando demonstrar o que acaba de ser dito, vejamos algumas de suas expressões:

1. "Não sou um santo que se tornou político. Sou um político que está tentando ser santo."

Observa-se no enunciado o esforço de um líder para melhorar suas tendências. O que nos recorda a expressão de Kardec, contida na obra "O Evangelho segundo o Espiritismo", no capítulo XVII: "Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más".

Observação - Sem nos ligar a esta ou àquela idéia particularizada, poderíamos dizer que semelhante expressão do líder indiano deveria ser o escopo de qualquer Espírito, encarnado ou não, fosse qual fosse o campo religioso em que estivesse militando.

2. Os dois princípios seguintes Gandhi os absorveu de John Ruskin, filósofo e ensaísta britânico do século XIX, cujas idéias sobre o trabalho exerceram marcada e decidida influência no pensamento do líder indiano, os quais estão em perfeita consonância com o que apregoam em todos os tempos os Mentores Espirituais:

a) “Que o bem do indivíduo está contido no bem comum. “

b) “Que o trabalho do advogado tem o mesmo valor que o do barbeiro na medida em que todos têm o mesmo direito de ganhar sua sobrevivência graças ao trabalho.”

3. “Para atingir a autonomia, os indivíduos devem cultivar o servir, a renúncia, a verdade, a não-violência, o autodomínio e a paciência.”

Raciocinamos: Não é o que vamos ler nas obras espíritas de autores encarnados ou desencarnados?

4. “Meu esforço nunca deve ser o de diminuir a fé do outro, mas torná-lo um melhor seguidor de sua própria fé.”

É sempre oportuno repetir que a Doutrina Espírita não tem como escopo fazer proselitismo, o que obviamente deixa entendido que respeita o livre-arbítrio de cada um que moureja em outros campos religiosos. Aliás, em “Conduta Espírita”, de André Luiz, capítulo 23, lemos:

“Estimar e reverenciar os irmãos de outros credos religiosos.

O sarcasmo não edifica.

Sistematicamente, não impor ou forçar a transformação religiosa dos irmãos alheios à fé que lhe consola o coração.

Toda imposição, em matéria religiosa, revela fanatismo.”

5. “Acredito ser possível introduzir a verdade e a honestidade descompromissada na vida política do país... Tentarei tudo para tornar Verdade e a Não-Violência aceitas em todas as nossas atividades nacionais. “

Se abriremos a obra “Fonte Viva”, de Emmanuel, no capítulo 173, leremos:

“Só existe verdadeira liberdade na submissão ao dever fielmente cumprido.

Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida.

E perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes.”

6. “O controle dos sentidos permite ficar absolutamente livre da paixão e colocar-se acima dos fluxos do amor e do ódio, do afeto e da aversão. “

Daí a advertência registrada na obra “Falando à Terra”, que a Federação Espírita Brasileira editou em 1951. No capítulo *Saúde*, trabalho assinado pelo Espírito Joaquim Murinho, elucida ele:

“O homem comumente apenas registra efeitos, sem consignar as causas profundas.

E que dizer das paixões insopitadas, das enormes crises de ódio e de ciúme, dos martírios ocultos do remorso, que rasgam feridas e semeiam padecimentos inomináveis na delicada constituição da alma? “

Esses mesmos enunciados procurou o líder indiano colocar em evidência em todo e qualquer lugar em que estivesse presente: na intimidade do lar ou diante de altos dignitários estrangeiros, na tribuna modesta de uma sala na Índia ou perante as multidões das praças públicas.

7. “A tendência da civilização indiana é elevar o ser moral.”

Gandhi acreditava na evolução contínua do ser humano.

Por sua vez a Doutrina Espírita esclarece que a criatura não reencarna predestinada para o mal. As distorções são responsabilidade de cada um.

O líder indiano guardava dentro de si a certeza do progresso de seus irmãos. Era otimista quanto ao futuro de seu país.

Pensava o melhor para a Índia, cujos habitantes no passado seriam “um dos ramos da massa de proscritos da Capela, exilados no planeta”; “o país dos Vedas e dos Upanishads, as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre”.

Do Plano Espiritual extravasou Emmanuel sua simpatia à figura ímpar de Gandhi, conceituando-o “espírito iluminado”.

Na Índia, como em diversificados países, não têm faltado, da mesma forma, expressões de apoio a esse respeitado vulto.

Anotemos algumas dessas expressões:

- Mahatma - título que se agregou ao seu nome, traduz “Grande Alma”.

- Os ashramitas chamavam-lhe de “Bapu” , que significa “pai” .

- O General George C. Marshall, Secretário de Estado norte-americano, afirmou que o “Mahatma Gandhi foi o porta-voz da consciência de toda a Humanidade” .

Entre parênteses, é bom lembrar que o piso do edifício que serviu de quartel-general em Bombaim entre 1919 e 1934 tem estampado o retrato de Gandhi, juntamente com as figuras de Buda e ainda a cruz cristã. Naturalmente para demonstrar à posteridade o quanto o líder indiano estava identificado em seu trabalho com a figura do meigo Jesus e com o célebre filósofo indiano conhecido também pela denominação de Sakyamuni - o sábio sáquia.

Baseado na obra de Catherine Bush, transcrevo agora alguns trechos que da mesma forma justificarão a afirmativa de Emmanuel quanto à figura missionária que a Índia conheceu durante quase oito décadas, eis que nasceu Gandhi em Porbandar (1869), desencarnado em Delhi (1948).

Algumas expressões estarão sublinhadas para maior realce!

1. “É o dia 6 de abril de 1930. Um velho magro e baixo, de aspecto frágil, vestido com uma espécie de tanga camponesa de tecido rústico, caminha em direção ao mar. (...) Usa pequenos óculos metálicos de armação arredondada, um relógio de algibeira e se apóia em um cajado. É a pouca riqueza que possui.”

2. “Venerado como santo, Gandhi lutou até o fim pela independência por meios não-violentos.”

3. “Finalmente, consegui localizar um restaurante vegetariano na capital britânica (...) o vegetarianismo agora se tornava para ele uma escolha consciente, não mais uma obrigação.”

4. Gandhi leu a obra “Bhagavad-Gita” - “canto do Bem-aventurado”- considerada a expressão máxima da literatura da Índia antiga. Baseado nela apontou para o leitor os três caminhos da libertação do ciclo das reencarnações: o caminho da devoção pessoal, o caminho do conhecimento e o caminho das obras. Neste livro o líder indiano iria encontrar também “o princípio que abrange ao mesmo tempo a renúncia, a doçura, a generosidade e a ausência da mentira”.

Preceitos que ele colocou em prática durante toda a sua vida.

5. Leu os Evangelhos, ficando deveras impressionado com os trechos referentes ao “Sermão da Montanha”.

6. “Tornava-se cada vez mais radical em suas posições e um homem cada vez mais dedicado ao seu semelhante. Uma vida totalmente dedicada à abnegação, julgava ele, exigia uma total renúncia aos bens materiais”.

7. “Tagore, detentor do Prêmio Nobel de Literatura em 1913, descreveu-o como a grande alma vestida de camponês”.

8. “Na verdade, Gandhi queria a eliminação total do sistema de castas”.

9. “Em 20 de janeiro de 1948, uma bomba explodiu no local em que Gandhi mantinha os grupos de orações (...) “Se eu for a vítima de uma bala assassina”, disse, “não deverá haver ódio dentro de mim. Deus deverá estar em meu coração e em meus lábios”.

10. “Poucas horas após a morte de Gandhi, Nehru falou pela rádio: “E a luz se apagou... não mais o veremos como vimos todos esses anos”.

Catherine Bush, que biografou Gandhi para a Nova Cultural, encerra seu trabalho com estas expressões:

“Passados os anos, tudo indica que Gandhi jamais será esquecido. Na época em que vivemos, com a raça humana tendo a capacidade de destruir a vida neste planeta, o exemplo de confiança, tolerância e protesto por meios “não-violentos” dado por Gandhi pode ser decisivo para nossa sobrevivência. Enquanto houver esperança para a Humanidade, a luz do Mahatma não se apagará”.

O que mais podemos acrescentar a essas palavras tão comoventes quanto sensatas? Somente aspirar a que a vida e obra do líder que recebeu do Plano Maior elogiosa expressão tenha-se tornado um roteiro não apenas para o país em que nasceu, mas, afinal, para todas as nações de nosso Planeta!

- // -

JESUS E A SAMARITANA

Mário Frigéri

“Aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a Vida Eterna. “ - **Jesus**. (JOÃO, 4:14.)

Meio-dia em Sicar... Pela estrada de pó,
Jesus chega, cansado, ao Poço de Jacó
E pede de beber à mulher, que se esquiva,
Embora lhe prometa a linfa da Água Viva.

E insistiu: - “Podes crer-me que a hora já vem,
Quando nem neste Monte ou em Jerusalém
Prestareis culto a Deus, porque, na realidade,
Deus quer ser adorado em Espírito e Verdade.”

- “Eu sei (torna a mulher) que há de vir o Messias,
Trazendo à Humanidade, à luz das profecias,
Toda a Revelação. “ Mas o Filho de Deus,

Dando aos simples a luz que cegou os fariseus,
Diz à Samaritana, em um tom franco e amigo:
- “Mulher, Eu sou o Cristo, Eu, que falo contigo...”

- // -

Fronteiras do desconhecido

Suely Caldas Schubert

Os cientistas têm hoje mais perguntas do que respostas - é o que diz a revista VEJA, de 16 de julho de 1997, em matéria assinada por Eurípedes Alcântara, intitulada Fronteiras do Desconhecido. O autor refere-se a 50 instigantes perguntas que os cientistas formulam, na atualidade, tentando solucionar questões diante das quais se sentem perplexos pela complexidade dos temas que suscitam.

Como o DNA pode dar origem ao cérebro, se este é dezenas de vezes mais complexo do que ele próprio? O que é a matéria escura que recheia 99% do Universo, mas que é invisível ao mais possante telescópio? Seria esta matéria escura constituída de neutrinos? Existem outros universos? Por que o homem evoluiu? Estas são algumas dessas interessantes perguntas e que a partir de agora despertam também a nossa atenção e, por via de conseqüência, começa-se a refletir sobre os assuntos que as melhores cabeças pensantes de nosso tempo estão pesquisando.

Como é óbvio, tentamos colocá-las em confronto com os conhecimentos que o Espiritismo proporciona.

Logo de imediato ressalta a imensa lacuna decorrente dos paradigmas científicos do mundo ocidental, no qual a teoria mecanicista ainda é predominante e rege a visão de mundo dos cientistas, delimitando-a sobremaneira. Falta-lhes a idéia fundamental da existência de Deus, o que por si só influencia e modifica tudo o mais. Em decorrência, não admitem a existência e imortalidade do Espírito, as vidas sucessivas e, por isso mesmo, não conseguem sequer alcançar a lei de evolução que impera no Universo.

Isto nos recorda a questão 540 de "O Livro dos Espíritos", em cuja parte final os Instrutores da Vida Maior afirmam:

"(...) É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto! "

Todos esses questionamentos científicos, postos em confronto com os ensinamentos espíritas, levam-nos, por nossa vez, a formular outros, tais como: Não poderia o Universo estar recheado de matéria cósmica primitiva, que dá origem a tudo? Seria ela constituída de neutrinos? O DNA, estando sob o comando do Espírito, que por sua vez imprime no perispírito (modelo organizador biológico) a idéia diretriz, que, ínsita no código genético, possibilitaria assim a formação do cérebro? Não é o perispírito que assegura a estabilidade do corpo físico quando da renovação periódica de todas as suas células?

Muitas questões podem ser colocadas por nós, espíritas, sem que tenhamos estudos altamente especializados nessa ou naquela área, mas apenas com todas as respostas que a Doutrina Espírita propicia.

Diversa, porém, seria a compreensão dos homens de ciência se admitissem o fundamento básico de tudo: a existência de Deus - o Criador e a Criação. A resistência em torno deste tema é compreensível, pois esse Deus que lhes é transmitido é menor, menos inteligente que qualquer um deles, e extremamente cruel, pelo que é rejeitado sumariamente.

Tivessem esses sábios a concepção de Deus conforme a Doutrina Espírita e, de pronto, veriam ressaltada a magnitude do Criador, especialmente através da noção de seus atributos, os quais, ainda que sob a restrita percepção que a nossa faixa evolutiva alcança, já nos permitem entrevê-la.

Como seriam modificados os paradigmas vigentes com a ótica espírita! E quanto nos apraz constatar isso!

Sabe-se, por exemplo, que segundo a perspectiva mecanicista a matéria rege o Universo. E no tocante ao ser humano existe um ponto extremamente absurdo, que nem os adeptos desse paradigma conseguem resolver. Trata-se do momento em que a matéria destituída de inteligência tornou-se inteligente. É fácil percebermos que se trata do instante em que o princípio inteligente, após estagiar nos diversos reinos da Natureza, é individualizado. Neste momento o Espírito recebe de Deus o sinete da razão. Criado simples e sem conhecimento algum, o ser humano vai começar a sua escalada evolutiva. Mas, traz em si próprio a lei divina insculpida na consciência (“O Livro dos Espíritos”, questão 621), o que lhe torna possível o vir-a-ser, o crescimento através dos evos, enquanto escreve a sua própria história, até a perfeição.

Pode existir concepção mais bela e comovedora que esta? A saga evolutiva realiza-se pelo esforço individual de cada filho de Deus.

Aguardemos a mudança desses paradigmas a fim de que o ser humano se beneficie com a derrubada dessas autênticas muralhas de preconceitos. É certo que eles já estão prestes a ruir, pois a Psicologia Transpessoal, através de seus mais eminentes vultos, como Stanilav Grof, Abraham Maslow, Roger Walsh, Ken Wilber e muitos outros, desencadeou uma revolução sem limites no pensamento moderno do Ocidente.

É certo, também, que os novos paradigmas trarão uma visão muito mais profunda e espiritualizada da vida na Terra e a compreensão da admirável Lei de Harmonia que rege toda a Criação Divina.

- // -

A FEB E O ESPERANTO

O ESPERANTO NA UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

Affonso Soares

Por gentileza de nosso querido amigo e co-idealista, A. K. Afonso Costa, de Belo Horizonte, veio às nossas mãos um documento emitido em abril de 1997 pelo Departamento de Esperanto da União Espírita Mineira, revelador do empenho de seus membros em servir à causa da Língua Internacional Neutra sobre bases sólidas, cuidando principalmente de assegurar às suas tarefas, pela constante formação de colaboradores, a necessária continuidade.

Após referir-se aos ideais de fraternidade da genial criação de Zamenhof; à sua concretização na estrutura e objetivos do movimento mundial dirigido pela Associação Universal de Esperanto; à sua identidade com os ideais do Evangelho e do Espiritismo Cristão; à sanção que o Alto, através da mensagem A Missão do Esperanto, de Emmanuel, conferiu às atividades esperantistas no Movimento Espírita brasileiro, o documento evoca as proposições e diretrizes que orientam as relações entre Espiritismo e Esperanto mencionando resoluções favoráveis à sua adoção nos círculos espíritas, tais como as do 1º Congresso Espírita Mineiro, em Belo Horizonte, no ano de 1944, e as recomendações do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, no opúsculo “Orientação ao Centro Espírita” (1980), relativas ao incentivo ao estudo e divulgação do Esperanto nas Casas Espíritas, no seu capítulo intitulado Divulgação e Comunicação.

E, procurando adaptar essas diretrizes ao caráter federativo da União Espírita Mineira, a equipe do Departamento de Esperanto daquela entidade enumera, a título de sugestão, alguns objetivos e atribuições que bem merecem o exame tanto por parte das Federativas que ainda não incluem o Esperanto em seu programa, como daquelas que já possuem o seu Departamento de Esperanto organizado. Em conjunto com as recomendações do supracitado documento do Conselho Federativo Nacional elas ensejarão uma base segura para o êxito das tarefas esperantistas nos Centros Espíritas. Ei-las:

- “1. oferecimento permanente de cursos de Esperanto a espíritas e não espíritas;
2. divulgação constante de informações úteis sobre o movimento esperantista;
3. estímulo aos alunos para a leitura de obras espíritas vertidas para o Esperanto;
4. divulgação dos enfoques sobre o Esperanto existentes na literatura espírita;
5. divulgação do Esperanto no meio espírita através de palestras;
6. intercâmbio com os Conselhos Regionais Espíritas - CRE's para divulgar as atividades do Departamento de Esperanto e estimular trabalhos correlatos;
7. colaboração com os diversos Departamentos da UEM, tendo o Esperanto como base;
8. formação de uma equipe que possa dar sempre continuidade aos trabalhos do Departamento de Esperanto;
9. tradução para o Esperanto de textos e documentos produzidos por outros Departamentos com a finalidade de divulgação e orientação;
10. manter o possível intercâmbio com Departamentos ou grupos esperantistas de outras casas espíritas.”

Vale sempre lembrar aos companheiros que militamos na seara do Esperantismo associado ao Espiritismo a imperiosa necessidade de permanente e fecundo intercâmbio com o Movimento Esperantista organizado, para não perdermos de vista o fato de que o Esperanto não pertence a nenhum grupo, facção, seita, partido, sendo, portanto, cultivado no mundo inteiro por pessoas de todas as posições e convicções. Ele é a língua comum de uma já numerosa coletividade legitimamente internacional, disseminada por todos os cantos do Planeta, coletividade que o aceita e usa como seu instrumento de comunicação acima de quaisquer diferenças e que, por isso mesmo, cultiva em seu seio, como expressão de sua cultura e personalidade, o espírito do recíproco respeito, da tolerância, praticando uma das mais belas formas da fraternidade. Esse sadio intercâmbio com as instituições esperantistas assegurará às atividades espíritas em favor do Esperanto um vigor e uma elevação de que inevitavelmente resultarão benefícios para ambos os Movimentos.

-//-

Auto-estima e resignação

Carlos Augusto Abranches

Todo ser amadurecido não tem dúvida quanto à distância que existe entre uma disciplina existencial e uma conquista espiritual. A disciplina é o ambiente mental em que o homem em construção se põe, a fim de, com esforço e perseverança, adquirir, no futuro, a tão esperada espontaneidade de uma conquista consolidada.

Essa vitória no campo da evolução da consciência não se faz de uma hora para outra, nem de qualquer maneira. É preciso método e coordenação de empenhos para se chegar a um resultado satisfatório, no árduo terreno das lutas pessoais.

O espírita é constantemente chamado a realizar a transformação de si mesmo. Os livros espíritas de conteúdo equilibrado e superior sempre relembram a orientação básica de Allan Kardec, quando recomendou o padrão moral do esforço para a superação das inclinações más, que ainda nos habitam a alma.

Pretendemos, neste trabalho, reconhecer a importância de uma preparação prévia do solo das batalhas particulares, antes de seguirmos viagem rumo a novos avanços de maturidade. O apóstolo Paulo, por exemplo, recolheu-se ao deserto antes de iniciar a missão a que fora convocado por Jesus. Nós também, que não somos melhores do que ele, precisamos encher nosso alforje de provisões espirituais, para que as caminhadas adiante não sejam infrutíferas, mas sim plenas de avanços satisfatórios.

A forma como nos sentimos acerca de nós mesmos é algo que afeta crucialmente todos os aspectos de nossa vida. Os dramas ou sucessos de nossa existência são reflexos das visões mais íntimas que trazemos de nós. O nome que damos a esse sentimento é auto-estima, cujo conhecimento é de fundamental importância para nossas pretensões de crescimento íntimo.

O psicólogo americano Nathaniel Branden, autor de um livro que trata com profundidade o assunto¹, esclarece que “de todos os julgamentos que fazemos, nenhum é tão importante quanto o que fazemos sobre nós mesmos” (cap. I). A constatação é importante para nós, espíritas, que estamos sensibilizados para uma certa cobrança pessoal, ou tomada de consciência que, via de regra, pode levar-nos a um sentimento de culpa, por possíveis fracassos em esforços mal-sucedidos.

A relação entre religiosidade e culpa não é novidade no campo dos conflitos humanos, e o espírita naturalmente não encontraria facilidades para conseguir sair dessa forma equivocada de viver sua opção religiosa. A intenção é encontrar, no âmbito psicológico da auto-estima, formas diferentes e mais saudáveis de se conduzir diante desse desafio, a fim de que as difíceis lutas da existência não acabem por destruir nosso amor pelo ideal do bem, nem tornem a vida um pântano de amarguras, fazendo do espírita uma pessoa fria, entristecida e deslocada da realidade do mundo.

A auto-estima tem dois componentes básicos: os sentimentos de competência individual e de valor pessoal. Segundo Branden, ela é a soma da autoconfiança e do auto-respeito, por refletir o julgamento implícito da nossa capacidade de lidar com as questões da vida (entender e dominar os problemas) e o direito de ser feliz (respeitar e defender os próprios interesses e necessidades).

Ter uma auto-estima elevada significa sentir-se adequado à vida, no sentido de estar comprometido conscientemente com os fatores da competência e do merecimento pessoal. Ter uma auto-estima baixa é sentir-se inadequado à vida, ou errado como pessoa. Ter uma auto-estima média é flutuar entre essas duas realidades, manifestando a incerteza no comportamento - às vezes, agindo com sabedoria, às vezes com total insegurança.

Em 1863, o Espírito Lázaro, comunicando-se na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, deixou uma mensagem de elevado teor evangélico. Allan Kardec inseriu-a em “O Evangelho segundo o Espiritismo”², pelo fato de a página abordar de forma sublime a relação entre duas forças vitais da alma: a obediência e a resignação. No texto, o Espírito afirma que “a obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração”.

Fazendo uma leitura espírita do aspecto psicológico de que trata este trabalho, diríamos que consentir pelo coração só é possível ao homem que confia infinitamente em Deus; e a pura resignação é própria das almas não submissas, mas sim entregues aos princípios da Vida Maior. A pessoa resignada, portanto, é a que conseguiu encontrar um equilíbrio entre o sentimento de competência pessoal (necessário para uma convivência saudável com as pressões do mundo) e a noção correta de estar submetida a normas de existência universal.

Explicando melhor: quanto maior é a consciência de que estamos todos diante de leis naturais que nos regem a existência, mais fortalecida fica nossa confiança de que Deus jamais nos forçará a suportar fardos que vão além de nossas forças. Manter a auto-estima positiva diante de uma perda dolorosa, de um sofrimento grandioso, é próprio de quem mergulhou na compreensão profunda das causas e das coisas e encontrou aí o hálito divino da paz, sugerindo caminhos novos, abrindo portas desconhecidas em direção ao núcleo iluminado da consciência, que é onde Deus mora em nós.

Nessa hora, a auto-estima atua como ponto de equilíbrio entre o sentido individual de estar-no-mundo da forma mais satisfatória possível, ao mesmo tempo que colabora na compreensão de que ninguém está abandonado à própria sorte na vida, e que todo sofrimento tem uma causa, a ser eliminada com dedicação integral e sentimento de resgate, ou seja, com resignação operante e positiva.

Desenvolver a auto-estima é aprimorar nossa capacidade de ser feliz. Não é necessário que nos odiemos, enquanto vivemos a descoberta das imperfeições que ainda nos caracterizam. Não é preciso nos sentirmos inferiores para que nos vejamos no direito de adquirir confiança. Não temos de nos sentir pequenos e miseráveis para que se expanda em nós a capacidade da alegria. Uma visão otimista da vida não se pode fundamentar em formas negativas de se conceber os desafios.

A auto-estima positiva colabora para que sejamos criaturas centradas e decisivamente esperançosas, sem precisarmos recorrer a subterfúgios equivocados, tais como a vaidade e a presunção de grandeza, que na verdade escondem um nível intolerável de angústia, caracterizado pelo fato de as pessoas desenvolverem um conceito grandioso e hipertrofiado de si mesmas, motivado por grandes dores psíquicas mal administradas.

Quem está disposto a ser feliz e sabe que o Espiritismo é uma alternativa plenamente saudável para realizar esse projeto, deve entender e sentir o valor de uma auto-estima elevada. Com certeza, dessa forma, produziremos com mais eficiência e objetividade nas tarefas relativas aos relacionamentos pessoais, aos serviços no bem, aos deveres do lar e à nossa efetiva religião com o Pai, que nos aguarda a pacificação interior, a fim de que alcancemos a consciência plena de que Ele já está em nós, amando-nos eternamente.

1. BRANDEN, N. Auto-estima. Ed. Saraiva, SP. 25ª edição, 1996.

2. KARDEC. O Evangelho segundo o Espiritismo. Cap. IX, item 8, pág. 170, 98ª ed. FEB.

A União na construção do Movimento Espírita

Marcelo Paes Barreto

Constantemente, temos sido questionados sobre a função da união para o progresso do Movimento Espírita.

A função da união é dar coesão ao trabalho de estruturação do Movimento, bem como cimentar as ações de seus componentes, de modo que o trabalho siga um método, uma linha de raciocínio, obedecendo, é claro, a um planejamento prévio. Como os operários de um edifício, que precisam seguir, em conjunto, as especificações da planta de engenharia, para chegarem, com sucesso, ao fim das obras.

A união nasce da sintonia de ideais e do conagraçamento de valores no esforço da construção do edifício doutrinário. E acima de tudo na busca da soma dos valores essenciais à existência da força de trabalho, tais como a humildade, a solidariedade, o respeito, a atenção, a resignação, a educação e a harmonia.

A união dos espíritas, mais especialmente, deve fundamentar-se no respeito mútuo, em relação aos pontos divergentes, para ensejar, sobretudo, profunda ligação nos pontos convergentes, pois, acima dos homens está a Casa Espírita, e acima desta, a Doutrina dos Espíritos. O resultado disso, por certo, será uma colheita profícua na atividade doutrinária.

Mas, se o entrosamento e a convivência doutrinárias ainda não foram alcançados, é preciso coragem para identificarmos as causas. E aceitarmos que, no caminho da evolução das tarefas doutrinárias, sem uma união verdadeira, ficaremos sempre à mercê dos entraves e dos obstáculos.

Apesar das dificuldades - naturais na senda evolutiva do homem - já podemos constatar, com alegria e concreto entusiasmo, que, o que sobrepaira na atualidade de nosso Movimento é a harmonia de valores, resultante da união sincera, fruto do profundo senso de responsabilidade atinente a cada um.

Fica a certeza, por isso, de que o momento atual, não obstante muitas lutas e incansáveis esforços, propiciará, em breve tempo, uma união realmente sólida, pródiga em valores positivos, capaz de impulsionar o Movimento mais rapidamente para os seus elevados objetivos.

Unidos num mesmo sistema organizacional, seguindo os mesmos procedimentos e postulados, conseguiremos concluir, a exemplo da construção de um edifício, as etapas de trabalho a nós confiadas pelo Alto.

- // -

Centenário de desencarnação de Júlio César Leal

A. Nogueira da Gama e Z. Wantuil

Júlio César Leal, filho de Ezequiel Leal e de D. Alexandrina Leal, nasceu na Bahia em 6 de fevereiro de 1837, desencarnando no Rio de Janeiro, em 22 de novembro de 1897, vítima de uma febre palustre que contraíra na cidade de Macaé, onde exercia o cargo de Inspetor da Alfândega.

Oportuno registro biográfico, assinado por Valentim P. de Oliveira Filho, constante em REFORMADOR (julho, 1938), dá-nos conta da conversão de Júlio César Leal ao Espiritismo, atribuída a um fenômeno de escrita direta, quando ele e mais quatro amigos, reunidos numa Loja Maçônica de Salvador, trocando idéias sobre as obras de Allan Kardec, ainda em francês, acharam por bem orar aos bons Espíritos e pedir a um deles lhes desse uma prova da realidade da existência pós-morte, e se dispuseram a recebê-la colocando papel e lápis dentro de uma manga de vidro, em compartimento contíguo à sala, onde, isolados, em recolhimento espiritual, ficaram aguardando o resultado. E esse veio mais rápido do que seria de esperar-se: ouviram bater à porta, que, aberta, fê-los deparar com uma mensagem dizendo-lhes que o Espiritismo era de fato a Nova Luz e que eles estavam investidos da missão de divulgá-lo no Brasil.

Informa-nos ainda Valentim P. de Oliveira Filho ter sido o ilustre ex-Presidente da FEB um dos primeiros entre os pioneiros da Doutrina Espírita em nosso País e excelente médium psicofônico, que serviu de veículo para a transmissão de mensagens de elevado teor doutrinário-evangélico.

Júlio César Leal soube honrar o nome e sobrenome que lhe identificavam a personalidade: de relevante porte intelectual, dominou no mundo das letras, com rara mestria. De grande estatura intelectual, guardou lealdade ao programa de trabalho que se traçou.

Foram bem vividos os seus sessenta anos de existência terrena.

Graças à sua função de inspetor alfandegário, que o compelia a freqüentes viagens, esteve em diversos Estados, percorrendo várias cidades, em cada uma das quais fazia a divulgação da doutrina dos Espíritos, cujas ressonâncias, depois que partia, ficavam fazendo eco nas mentes e nos corações, tão fluente e influente era a sua palavra.

Advogado, professor de humanidades, jornalista, teatrólogo, publicista, polemista, poeta, romancista, em qualquer desses ramos de atividades profissionais e literárias teve atuação marcante, criteriosa, segura e meritória.

Dedicou-se ao jornalismo com alto espírito público, e é assim que redigiu o Jornal de Penedo, do qual foi fundador em 1871, o Jornal de Alagoas, órgão político e noticioso de Maceió, o Jornal do Comércio e a Gazeta de Notícias, ambos de Porto Alegre, o jornal do Povo, da Bahia, etc.

Produziu oito peças de teatro, das quais cinco em quatro atos: “Antônio Maciel, o Conselheiro”, Bahia, 1858, na qual como que previu a guerra dos Canudos, segundo declara Pedro Calmon em sua “História da Literatura Bahiana”; “O crime punido por si mesmo”, Bahia, 1859; “Os episódios de um noivado”, Rio de Janeiro, 1862; “A mulher entre dois fogos”, Maceió (AL), 1872; e “A Escrava Isaura”, Porto Alegre (RS), 1883; em dois atos: “Luísa e Marçal”, Paranaguá (PR), 1861; e finalmente “Mateus e Garcia” e “Última República Americana”, Rio de Janeiro, 1890. Tornou-se membro do Conservatório Dramático da Bahia, instalado na cidade de Salvador, em 1857, pelo Dr. Agrário de Souza Menezes.

Escreveu os romances “Cenas da escravidão”, Penedo (AL) 1872; “Amor com amor se paga”, Recife (PE) 1879; “Casamento e Mortalha”, Pernambuco, 1884 e “Mortalha de Alzira”, romance muito popular.

Das obras em geral, podemos ainda alinhar outras do fecundo beletista: “Notícias de Paranaguá”, na Revista Popular, tomo 13º, 1862; “Cartas políticas ao Exmo. Sr. senador Jacinto Paes de Mendonça”, Maceió, 1873; “A Maçonaria e a Igreja”, conferência pública no edifício da Sociedade “Perfeita Amizade Alagoana,” Maceió, 1873; “Livro de Poesias”, São Paulo, 1874; “Apontamentos para a boa administração das Alfândegas do Império e o uso do comércio”, compilados por Júlio César Leal, Pernambuco, 1878; “Biografia do General de Divisão José de Almeida Barreto”, Rio de Janeiro, 1891; etc.

Sacramento Blake, referindo-se ao talentoso e fecundo polígrafo, assim escreveu no vol. V do seu “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”: “Talento robusto, dedicação fervorosa aos trabalhos de gabinete, pena hábil e bem aparada, havia-se ocupado não só da literatura em todos os seus ramos, como também da filosofia, da religião, da política, da história-pátria, da legislação e do comércio.”

Além da extensa bagagem na literatura mundana, cumpre-nos acrescentar - e é a que verdadeiramente nos importa, no caso - a que deixou no meio espírita.

São de sua lavra: “O Espiritismo - Meditações Poéticas sobre o Mundo Invisível, acompanhadas de uma evocação”, Penedo (AL), 1869; “Compêndio de Filosofia Moral”, Maceió, 1872; “Evangelho dos Espíritos. Religião Universal, fundada na verdadeira interpretação e explicação das doutrinas de Jesus-Cristo e seus apóstolos”, em colaboração com José Ricardo Coelho Júnior, Recife, 1881; “A Casa de Deus”, romance instrutivo, precedido de páginas científicas, Rio de Janeiro, 1894; “Padre, Médico e Juiz”, Rio de Janeiro, 1896; e “Os Loucos”, outro romance.

Fundou, em 6 de julho de 1881, em Recife, o hebdomadário espírita A Cruz, o primeiro órgão do Espiritismo em Pernambuco.

Em 1881, de passagem pelo Rio de Janeiro, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade aproveitou para inscrevê-lo em seu quadro social e ele proferiu nos dias 12 e 19 de abril, na Escola Pública da Glória, duas conferências sobre o tema “O Materialismo e o Espiritismo”, que a imprensa leiga da época noticiou com grande destaque.

Vindo, posteriormente, a residir no Rio de Janeiro, participou da Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira (atual Departamento de Assistência Social) e, em 1895, teve acesso à Presidência da Instituição, ocupando-a por sete meses, com leal dedicação para com a Casa e a Causa. Em face da situação convulsa por que passava o Movimento Espírita brasileiro, renunciou ao exercício do cargo. Sucedeu-lhe, na direção da Casa de Ismael, a 3 de agosto desse mesmo ano, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, que procurou, desde logo, congregar as forças dispersas, frisando a necessidade de um movimento espírita organizado, com unidade de direção, e demonstrando, ainda, que a Federação Espírita Brasileira preenchia todas as condições para ser o centro da união dos espíritistas brasileiros.

Reinstalado, em nova fase (1894), o “Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil”, Júlio César Leal tornou-se um dos seus diretores efetivos, ao lado de Bezerra de Menezes, Augusto Elias da Silva, Ernesto dos Santos Silva, Pinheiro Guedes e outros espíritas de projeção. Nesse mesmo Centro foi ele, no dia 29 de agosto de 1897, o orador oficial de uma homenagem à Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, que obstará os passos da primeira perseguição ao Espiritismo no Brasil, ocorrida em 28 de agosto de 1881.

Júlio César Leal foi orador de conferências públicas na Federação Espírita Brasileira, colaborando, às vezes, em REFORMADOR, onde começou a publicar, como fervoroso adepto da Homeopatia, um trabalho intitulado “Electrohomeopatia, suas vantagens sobre os demais sistemas de tratamento médico”, mas a sua desencarnação o impediu de terminar esse curioso sistema, preconizado na Europa pelo Conde Mattei, de nacionalidade italiana.

Pregou desassombradamente o Espiritismo até o fim de sua existência. E defendeu-o numa época em que os adeptos precisavam ter elevado espírito de desprendimento e verdadeira coragem, sendo por tudo isso digno da posição de relevo que ocupa no Movimento Espírita brasileiro.

Nós, espíritas, sentimo-nos gratificados por tê-lo contado como um dos melhores militantes na linha de frente de nossas fileiras, induzindo-nos a que cresçamos igualmente em estatura cristã, tal como ele o fez exemplarmente.

- // -

REFORMADOR no Centro Espírita

A FEB faz, mensalmente, remessa gratuita de **REFORMADOR** aos Centros Espíritas de todo o Brasil, quer estejam ou não ligados às respectivas Entidades Federativas estaduais, com base no cadastro que possui.

Para que essa oferta atinja seus objetivos de divulgação da Doutrina e do Movimento Espírita, solicitamos aos dirigentes dos Centros Espíritas que façam campanha de assinatura de **REFORMADOR** junto aos seus freqüentadores.

- // -

A FEB na VIII Bienal do Livro

Conforme anunciado, realizou-se a VIII Bienal do Livro no Riocentro.

A participação do público, o número de expositores, a decoração dos *stands* constituíram-se num verdadeiro festival de cultura, alegria e confraternização. Destacamos em particular a presença de mais de 120 mil crianças e adolescentes, das mais diversas escolas do Rio de Janeiro, ávidos de adquirir um livro, senão para eles mesmos, para seus próprios pais, como aconteceu em variadas ocasiões em nosso *stand*, que mostrou, na prática, como a Doutrina Espírita acompanha o progresso em todas as suas facetas.

Além dos livros que constituem o valioso patrimônio espiritual que os espíritas já conhecem, a Federação Espírita Brasileira ali também divulgou a Doutrina do Consolador através da Internet, com sua rica *home page*; através do vídeo, com o aplaudido "O Espiritismo de Kardec aos Dias de Hoje"; através das Apostilas do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) e da Evangelização Infante-Juvenil (EIJ), de Fitas de Música (com as respectivas partituras) e já cadastrando interessados nos livros da Codificação em apresentação de CD-Rom com lançamento previsto para final de 1997.

Nosso *stand* foi permanentemente visitado. A equipe do Grupo Espírita Fabiano, ajudada por companheiros da FEB, atendeu com alegria a milhares de pessoas que buscavam no Livro Espírita esclarecimento, orientação e consolo para seus inúmeros problemas.

Diversos confrades e amigos nos prestigiaram com suas visitas e seus abraços fraternais.

A Federação Espírita Brasileira, presente nesta Bienal, como em outras, mostrou seu interesse na divulgação do Livro Espírita. Milhares de livros vendidos, milhares de mensagens e *folders* da Campanha de Divulgação do Espiritismo foram distribuídos ao público.

O entrelaçamento dos corações que se dedicaram nos doze dias do maior evento cultural de nosso Estado demonstraram que, de fato, sob a luz do Consolador, o Espiritismo prepara-nos a todos para o Reino do Bem que Jesus anunciou.

- // -

JÉSUS GONÇALVES - O Poeta da Esperança

50 Anos na Espiritualidade

Carlos Bernardo Loureiro

Colônia de Hanseníase de Pirapitingui, em Itu (SP), 16-2-1947; desencarna, nesta data, Jésus Gonçalves, levado ao mundo dos Espíritos pelas portas abençoadas e renovadoras da dor. O corpo, mutilado pela doença, descamba, inerte, nos braços da morte, enquanto o Espírito que o animou emerge, triunfante, para reintegrar-se à dimensão que lhe é específica. Naquele momento punha-se termo a um processo existencial que tivera como ponto culminante a agitada e desregrada vida de um rei dos visigodos, em passado longínquo, quando o cristianismo começava a consolidar-se na Europa tendo como fulcro a Roma dos antigos céсарes. Fora, o estigmatizado de Pirapitingui, o famoso Alarico I, cuja trajetória de guerras e pilhagens o inscreveu nas páginas da História da Humanidade como um bárbaro, um facínora, um recalcitrante violador das leis naturais. Mais tarde, viria encarnar a figura temida e maquiavélica do cardeal Richelieu, que dominou a política francesa do tempo de Luiz XIII (Século XVII) e influenciou, com o seu talento e prestígio, as mais importantes nações do Velho Mundo. ¹

Duas personagens terríveis representou este Espírito: a de Alarico e a de Richelieu, ambas presas da ambição desmedida, do orgulho exacerbado, do desrespeito aos ordenamentos da legislação divina. O regresso a este mundo de provas e expiações, após tantos e opulentos desregramentos, aconteceu em Borebi, cidadezinha do interior de São Paulo, em 12 de julho de 1902. Renasceu com o nome de Jesus, um nome que é símbolo do amor em todas as suas transcendentais dimensões. Pusera-lhe, mais tarde, um acento, admitindo-se não merecer o nome do Mestre, passando a assinar Jésus Gonçalves. Era o Alarico e o Richelieu, o guerreiro destemido, o habilidoso estadista, ambos fundidos a uma nova e atípica personalidade. Crescera, Jésus Gonçalves, descrente, em nada acreditava - era um materialista: ²

FALTA

“Onde andaré um ‘não sei quê’, um Bem,
em cuja busca sou judeu errante?
Por onde eu passo, já passou também...
E quando chego já partiu há instante...”

Não sei se está na vida, ou mais adiante,
dentro da morte, nas mansões do Além...
Se está no amor... se está na fé, perante
os dois altares que esta vida tem.

Mas, se esta vida é um sonho, a morte o nada;
o amor um pesadelo; a fé receio;
por que manter-se em luta desvariada?

No entanto, eu sigo... acovardado, triste...
a procurar em tudo em que não creio,
a coisa que me falta e não existe!”

Aos 28 anos (1930) contrai a lepra, doença que compulsoriamente o levaria ao isolamento, de início no Asilo-Colônia Aymorés (26-8-1933), trasladando-se, mais tarde, para a Colônia Pirapitingui (1937).

Jésus Gonçalves possuía o que chamamos de “personalidade forte”, impondo-se por natural liderança, entre os seus companheiros de infortúnio. Conservara o arrojo do Conquistador e a habilidade do Prelado.

Um traço, marcante, de sua personalidade - a veia poética. Fora (e continua sendo) poeta de surpreendente inspiração e fiel aos cânones das escolas estilísticas que fizeram época. Construía o soneto dentro daqueles moldes preconizados pelos *experts*. Notamos, na poética de Jésus Gonçalves, um quê de camoniano, não apenas na “maneira de versejar”, nas imagens que construiu, conseguidas, provavelmente, num trabalho metucioso, laboratorial, sem prejuízo do estro, alimentado, famelicamente, pela pertinaz doença. Doutras vezes, vemos um Jésus Gonçalves parnasiano, ao feitio do mestre Bilac, cuja perfectibilidade poética sempre atraiu e encantou muitos dos brasileiros seus contemporâneos e os que lhe sucederam, sugerindo-lhes o trabalho metucioso de confeccionar o verso com esmero, beneditinamente.

Jésus Gonçalves deve ter admirado Olavo Bilac, assim como, parece-nos, Cruz e Souza, a figura maior do Simbolismo nacional, porque, vez por outra, identificamos, neste ou naquele verso, algo do talentoso poeta catarinense, que pelo verso elevou a Dor à culminância somente alcançado, no Brasil, pelo desconhecido (e grande) poeta Pedro Barros, que morreu de amor, numa perda tapera incrustada nas entranhas do sertão baiano, só, tão e completamente só como o amargurado poeta do “EU” ...

Parnasiano ou Simbolista, Jésus Gonçalves dignificou o Parnaso Brasileiro, embora seja um ilustre (poeta) desconhecido, fora de antologias e enciclopédias. Os seus versos refletem não apenas o drama da hanseníase que lhe cobria o corpo de chagas, mas, o que lhe ia no fundo da alma, ele que atravessara os séculos no galope desenfreado das ambições, perseguindo valores decadentes ou fantasias absurdas. Ali, no leprosário, onde a Dor e o Sofrimento eram os companheiros de todas as horas, o Espírito se depurava de suas seqüelas morais.

Ao entrar em contato com o Espiritismo, já integrado à Colônia Pirapitingui, cai por terra o seu pessimismo, a sua descrença. Passa a entender o porquê das coisas. Renovam-se as suas energias - “parte para a luta”. Funda um Centro Espírita (Santo Agostinho) dentro da Colônia. Inicia a vida de espírita difundindo, entre os companheiros do leprosário, os princípios luminosos da Doutrina codificada por Allan Kardec.

O Espírito, finalmente, encontra o Caminho, a Verdade e a Vida, após tanto tempo de lutas. Os seus versos, agora, exprimem os valores eternos da alma; pregam o amor e a resignação e, sobretudo, a certeza da imortalidade do Ser, a quem a Providência concede o direito de construir, pelos atos que pratica, a própria felicidade ou infelicidade. Tudo, então, tem sentido não somente para Jésus Gonçalves, mas para a maioria daquela gente desprezada pela Sociedade. No âmago daquele leprosário se acende uma chama - a chama da esperança...

1. Fonte: “Extraordinária Vida de Jésus Gonçalves”, de Eduardo Carvalho Monteiro, 3ª ed., Ed. Correio Fraternal do ABC.

2. “Flores de Outono”, edição LAKE, 1948, p. 39.

-//-

Aborto sentimental

Francisco de A. C. Cajazeiras

As estimativas estatísticas, descritas por especialistas sociais e de saúde, da incidência de aborto delituoso em nosso meio, são certamente alarmantes e suas complicações sobre a saúde da mulher indiscutivelmente preocupantes. Essa rotina abortiva clandestina em nossa sociedade termina por mascarar falha clamorosa na legislação vigente em nosso País a esse respeito.

Durante a Segunda Grande Guerra Mundial, houve excessos de toda ordem, e inclusive sexuais, da parte dos soldados invasores contra as mulheres dos territórios conquistados, o que, em certo percentual, resultou em gravidez. Por isso mesmo, sob o impacto da emoção e da comoção desse período e em nome do “princípio do estado de necessidade” contra essas dolorosas conseqüências - e respaldados em uma certa “ética” (?) -, os legisladores de grande número de nações lutaram por conseguir a legalização ou descriminação do que se passou a denominar de aborto sentimental, ou seja, do aborto instituído como opção materna para os casos de gravidezes conseqüentes a estupros. Sobre o assunto, assim se posiciona o Código Penal Brasileiro, em seu artigo 128:

“Não se pune o aborto praticado pelo médico: (...); II. se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, do seu representante legal.”

Mais que palpável serem as bases para essa postura jurídica eminentemente de caráter emocional e totalmente vazia de um estudo da condição ontológica do ser em desenvolvimento embriológico. Dominados pelo desejo de “verem-se livres” da prova material da desonra, da violência e da vergonha pelo crime perpetrado contra a dignidade feminina e ferindo o princípio da igualdade entre as individualidades, em função da gênese embriológica de cada um, no que concerne ao modus operandi, os legisladores patenteiam suas débeis convicções sobre a realidade existencial do conceito, pois, de outro modo, como instituir diferenças entre os indivíduos que, do ponto de vista anatomofisiológico, nenhuma dessemelhança apresentam, exceto, talvez, características raciais?!

Os Espíritos Reveladores, em “O Livro dos Espíritos”, questões 358 e 359, respondendo às indagações formuladas por Allan Kardec sobre a temática do aborto, apenas admitem o aborto terapêutico, isto é, o que tem por móvel preservar a vida da gestante, quando em real perigo.

Bem o sabemos, mormente em nosso mundo evolutivo, que se um Espírito enfrenta tal situação, isso não se dá sem motivos, que não os seus próprios débitos nessa área; mas, não é menos verdade o alerta de Jesus para não interferirmos nos mecanismos naturais da Lei, quanto à penalidade imposta por ela, a fim de não nos caracterizarmos como “motivo de escândalo” (Mt. 17:6 a 11).

A vida é o bem maior que nos concede o Criador para o auto-aperfeiçoamento espiritual e somente o risco desse bem pode tornar admissível o sacrifício de uma vida que se inicia em favor de outra já plenamente adaptada à dimensão material e, por isso mesmo, em plena vigência da assunção dos seus compromissos para com a família e com a sociedade.

Sendo assim, não há argumentação satisfatória e capaz de justificar a aceitação dessa modalidade de aborto, em que pese a compreensão da aridez de tais provas para a genitora e seus familiares.

O aborto sentimental é a instituição da pena de morte contra o efeito e não a causa do mal; é a penalidade imposta à vítima e não ao criminoso.

(Transcrito de REFORMADOR, de agosto de 1995, pág. 233.)

- // -

ENTREVISTA / Núbior Facure

Funções mentais complexas justificam visão dualista do ser

Marlene Nobre

Desde o primeiro Congresso Nacional de Médicos Espíritas - o Mednesp/91 - o professor titular de neurologia da Unicamp, Dr. Núbior Orlando Facure, tem-se distinguido por suas posições firmes, no campo da Medicina e do Espiritismo, entusiasmando a quantos o ouvem, pelo seu saber aliado à bondade. No Mednesp/97, nós o instigamos a debater mais suas idéias.

O resultado você pode conferir abaixo.

FE - O Sr. acha difícil a penetração dos paradigmas Espíritas na Medicina?

Dr. Núbior Facure - Assim como a Teoria Mecânica de Newton, a Teoria Evolucionista de Darwin e a Teoria da Relatividade de Einsten, entre outras, passaram por fases de compreensão e posterior aceitação, os postulados espíritas estão sendo assimilados de uma forma ou de outra pelos diversos ramos do conhecimento humano. Não devemos nos preocupar com uma aceitação imediata e acabada. Até mesmo a linguagem da sua apresentação poderá exigir um texto mais corrente e próprio para os meios acadêmicos, mas a sua essência, capaz de produzir as modificações desejadas, será mantida.

A Medicina, por lidar muito de perto com o sofrimento e com o ser humano na sua mais profunda intimidade, tem no seu próprio conteúdo a necessidade de mais esclarecimentos para justificar a causa de tanto desajuste e o porquê de tanta complexidade na alma humana. A existência de Deus e a identificação da alma, reconhecida pela sua imortalidade e suas experiências em vidas sucessivas, são paradigmas indispensáveis sempre que a Medicina pretender se esclarecer sobre o porquê da dor, sobre a desigualdade dos sofrimentos, sobre quem somos e porque as nossas ações de hoje trazem repercussões no nosso amanhã, assim como o nosso ontem nos trouxe a paz ou a intranqüilidade de hoje.

O Espiritismo ensina que a alma percebe as sensações, cria as suas idéias, elabora seus pensamentos e transmite pela linguagem os seus desejos e o corpo físico nada mais é que o veículo que seguirá o caminho que a alma lhe determinar, caminhando adiante ou tropeçando nas enfermidades de acordo com o controle ou o desatino que nossos exigirem.

Por outro lado, a Medicina Psicossomática das últimas décadas e a Neuropsicoimunologia de hoje, nos propõem a cuidarmos da mente, selecionarmos nossos pensamentos e a controlarmos nossos desejos para aumentarmos as defesas e a proteção imunológica do nosso corpo.

O Espiritismo nos esclarece que nossa alma se liga ao corpo pelo perispírito, que lhe permite transitar no mundo material e no mundo dos espíritos, onde podemos vivenciar realidades diferentes em cada uma dessas dimensões.

Por sua vez, a Psiquiatria moderna, estudando pacientes terminais ou recuperados de estados comatosos, catalogou inúmeros exemplos de experiências fora do corpo com relatos vibrantes de uma percepção muito ampliada da realidade. Podemos então observar que títulos novos estão redescrivendo, na área médica, fenômenos que a literatura espírita relata com detalhes há um século e meio. A Parapsicologia fala em fenômenos *psi gama*, a Psiquiatria em

experiências de quase morte, a Psicologia em controle pela mente e a Psicobiofísica em estímulo do sistema neuropsicoimunológico. São ainda versões acanhadas que tingem de leve um conteúdo doutrinário extraordinário, que vislumbramos ao abrirmos de vez as portas para as realidades do mundo espiritual. Por enquanto, nos parece que esses pesquisadores estão conseguindo apenas pequenas sondagens que lhes proporcionam amostras miúdas de um universo de conhecimentos bem mais amplo.

O Espiritismo, no seu corpo doutrinário, contém todo o texto desse novo paradigma que a Medicina deverá ler por extenso com o decorrer do tempo.

FE - Quais são as funções cerebrais que falam a favor da existência de um espírito imortal?

N. Facure - Como espírita, me bastaria observar nossa capacidade de amar e de odiar para percebermos que só a existência da alma pode justificar tamanha complexidade nesses dois sentimentos. A mãe é capaz de amar um filho criminoso e dar por ele a própria vida, até mesmo mentir sobre uma inocência que só ela tem condições de acreditar. Por outro lado, pais e filhos são capazes de se odiarem às últimas conseqüências, embora vivam sob o mesmo teto e desfrutem do mesmo conforto.

Convém, porém, como exercício neurológico, nos atermos à pergunta formulada e respondê-la como neurologista. Sabemos que as funções de comando motor e de registro das diversas formas de sensibilidade já estão bem desenhadas nos textos básicos de neurologia. Já conhecemos também as vias principais de organização da linguagem em suas diversas formas. Identificamos funções complexas, como o circuito límbico, para as emoções, a percepção gnóstica dos objetos no seu contexto viso-espacial, a programação seqüenciada dos gestos nas realizações de atos práticos, automatizados ou programados cronologicamente, entre tantas outras funções de engenhosidade e complexidade deslumbrantes.

Ficam, porém, questões fundamentais sem respostas nos chamados circuitos neurais. Queremos com isso dizer que, a simples identificação de funções específicas em certas áreas cerebrais, bem como a sua integração com áreas de associação, não tem sido suficiente para propor um paradigma único para explicar a natureza da mente.

Fatos corriqueiros que qualquer um de nós pode vivenciar escapam por completo a uma justificativa exclusivamente física para sua interpretação. Mal sabemos definir o porquê das nossas escolhas ou das nossas preferências no dia-a-dia. A todo instante somos envolvidos por pressentimentos com clara percepção de acontecimentos futuros. Quando somos submetidos a uma certa expectativa, os aparelhos de registro neurofisiológicos detectam, em nosso cérebro, um chamado potencial de prontidão que ainda não sabemos de onde nasce ou que circuito neurológico arma essa estratégia de antecipação. A nossa mente organiza uma imagem corporal que nos permite vivenciar experiências com o mundo físico de maneira totalmente desapercibida por nós no dia-a-dia. A complexidade da relação do nosso sistema nervoso com o restante do nosso organismo poderia de alguma forma nos fragmentar em diversos departamentos e, no entanto, a mente consegue se estruturar dentro de um contexto em que somos um único indivíduo, um Eu indivisível.

Nossa visão do mundo e da realidade que nos cerca é egocêntrica, permitindo-nos vivenciar as experiências de uma maneira individual, tirando dos estímulos que nos atingem uma interpretação pessoal e criando um conceito das pessoas e das coisas independentemente das mudanças que estas podem vir a apresentar.

Alguns exemplos ilustram muito bem essas situações: quando estamos filmando um determinado cenário, e movimentamos bruscamente a câmara, ao projetarmos o filme, veremos o cenário balançar ou desfocar à nossa frente no momento daquele gesto brusco. Por outro lado, isso

não ocorre na nossa mente quando viramos a cabeça de repente. A imagem que nossos olhos registram permanece sempre estável e focalizada como se na verdade ela se processasse dentro de nós independentemente do registro e da posição dos olhos e do cérebro.

Quando olharmos uma pessoa de longe, ela nos parece menor e ao se aproximar, suas medidas dão-nos a impressão de aumentar, mas, na mente, o registro dessas imagens de dimensões físicas diferentes continuam como sendo a expressão exata da mesma pessoa.

Um amigo que não vemos há anos está fisicamente modificado pelo envelhecimento, mas será sempre visto como o mesmo indivíduo pela nossa mente.

Uma sombra projetada sobre o jornal que estamos lendo muda a luminosidade e, portanto, a qualidade física da imagem que nossos olhos registram. No entanto, para nossa mente, em todos os textos, tanto faz se há maior ou menor iluminação, o conceito que fazemos do jornal por inteiro é sempre o mesmo.

Em resumo, nossa mente faz sempre uma composição da realidade com aquilo que pensa ter percebido e não necessariamente com as qualidades das coisas ou das pessoas. Não ocorre na mente uma simples recepção de estímulos, mas uma interpretação subjetiva do que se percebeu.

Cada objeto que nos atinge, nos impressiona não só pelo que nos imprime nos sentidos, mas, também, pelo que nos provoca na mente ao desencadear e florescer imagens e idéias na mente. O mundo por nós vivido é essencialmente um mundo “sonhado” e “imaginado” em nossa mente. Por isso, podemos compreender que, quando nossa memória nos permite lembrar de um objeto ou de um acontecimento, na verdade estamos recordando aquilo que pensamos ter visto ou vivenciado e não o que realmente era ou realmente aconteceu.

Muitos de nossos amigos de infância ficam em nossas memórias com traços de um encantamento que na vida adulta não se repete mais.

Ao nosso ver, esta complexidade de funções da mente justificam por si só a visão dualista do cérebro e da alma, reconhecendo-nos como espíritos imortais, acumulando experiências que se repetem em múltiplas encarnações, obedecendo um destino que nos predispõe a evoluir sempre.

Sobrevivência e adaptação

FE - No Mednesp/97 o Sr. falou sobre operações mentais e a maneira como o cérebro aprende, acha que estas noções vão modificar a conduta dos pais e professores? Como o médico atuaria, então, de uma forma pedagógica, qual seria a melhor maneira?

N. Facure - Ao falar sobre as operações mentais quis deixar claro que, apesar de complexidade das funções da mente, parece que elas estão restritas a uma estratégia de operacionalidade, mais ou menos padronizada. O nosso cérebro nos predispõe para um determinado tipo de atuação diante do mundo que nos cerca.

Acreditamos que a mente instrumentaliza o cérebro para sua inserção no mundo físico e que o cérebro não pode conter toda a potencialidade da mente se a considerarmos como espírito que vivenciou múltiplas experiências em vidas sucessivas. Podemos conjecturar que, hoje, nós somos apenas aquilo que nosso cérebro nos permite estar sendo e não tudo aquilo que o nosso espírito é ou já foi.

Podemos, portanto, do ponto de vista didático, idealizar um manual de operacionalidade para o cérebro.

Nesse manual deve constar que o cérebro privilegia a sobrevivência e a adaptação. Por isso, freqüentemente, exibimos decisões apressadas com respostas rápidas e atitudes precipitadas,

parecendo às vezes insensatas. A evolução animal nos ensinou que nossas ações devem ser simplificadas com o objetivo de promover um julgamento mais rápido dos acontecimentos e uma identificação mais rápida ainda, mesmo que imprecisa, de um objeto estranho que se aproxima, para adotarmos uma conduta de acolhimento ou fuga diante de situações que não sabemos de ante-mão se serão amigáveis ou hostis.

A mente faz um processamento *on line* diante dos acontecimentos. Aprendemos que é muito mais vantajoso desenvolvermos um conceito ou uma representação dos objetos e das pessoas do que nos deter numa análise pormenorizada. Nossa consciência está ajustada para fazer apreensões representativas das coisas, das pessoas e dos acontecimentos. Para isso usamos nossa capacidade cerebral de processar as gnosias (reconhecimentos). Fazemos as identificações com base em pistas, traços, esboços ou fragmentos de informação. Nenhum de nós precisa ver uma xícara de café por inteiro, nem um amigo em todos os seus ângulos e perfis, para reconhecê-los.

Devemos estabelecer rotinas de comportamentos e desenvolvermos hábitos diante de situações corriqueiras. Por isso, nos acostumamos aos ruídos da cidade e à monotonia irritante do trânsito. Adaptados ao dia-a-dia, não nos abalamos com mais uma notícia sobre engarrafamentos, ou queda de um empregado que se acidenta na fábrica. Mas, nos emocionamos e nos surpreendemos com fatos novos como a queda de uma ponte na marginal, um terremoto na Av. Paulista ou um jacaré boiando no rio Tietê.

Aprendemos a nos acomodar com a rotina para estarmos mais disponíveis para agir. Quando a consciência predispõe nossa atenção para o inusitado, ela nos protege, antecipando-nos a qualquer acontecimento novo que venha a nos surpreender com a ameaça, ou não, de uma agressão, que nos põe a vida em risco. Os fatos novos, ao lado do perigo que podem ou não representar, têm o poder de desencadear, pelo inesperado de sua ocorrência, uma sensação agradável ou não, uma emoção forte que se irradia por todo nosso organismo, liberando a adrenalina que nos permite uma reação de força, desencadeando os sinais de alarme e estado de alerta.

A necessidade de uma reação imediata aos estímulos e, principalmente, a conveniência de uma atitude defensiva ligada à sobrevivência, forçou o desenvolvimento de um sistema de respostas aleatórias e de repercussões difusas no organismo. É a partir daí que se compreende a atuação do nosso cérebro emocional e do sistema nervoso autônomo. Pelas emoções, fazemos escolhas rápidas optando pela resposta mais disponível, pela atitude mais factível, pelo objeto mais à mão mesmo que nossas decisões, depois de racionalizadas, não venham a se confirmar como as mais acertadas. É por isso que com freqüência ouvimos ponderações que reclamam que “se tivesse pensado melhor teria tomado atitude diferente”, “a primeira impressão é a que fica”, “não sei explicar porque agi assim” são afirmações comprovando que as nossas atitudes são sempre impregnadas de forte conteúdo emocional. É por isso que costumamos dizer que, levados pela emoção, escolhemos a pessoa com que vamos casar, a profissão que decidimos exercer ou a compra da casa onde vamos morar.

Finalmente, queremos dizer que a experiência de cada um de nós é medida pelo referencial de imagens mentais que criamos do mundo onde vivemos. Cada objeto, cada palavra, cada sensação é carregada de um potencial simbólico que desencadeia em nós a capacidade de criar imagens vivas da realidade.

Daí a conveniência de se estudar as palavras pela sua transmissão de idéias e compreender os objetos pelos seus significados. Os pais precisam ter em mente que o aprendizado se processa pela vivência das situações, pela apreensão das qualidades das coisas, pela criação espontânea,

pela própria criança, de suas idéias e representações. Esses mesmos pais, em seus comportamentos, principalmente emocionais, são modelos fortes de indução de imagens que a criança elabora sobre eles com afeição ou revolta.

Devemos criar uma motivação permanente de aprendizado, para todas as idades. Estimular buscando as novidades sem modismos, dentro de um clima de emoção saudável e produtiva. Vivenciar de preferência as situações que promovam nosso crescimento intelectual e espiritual.

AME-Brasil, centro de referência

FE - Como o Sr. vê a atuação da AME-Brasil, qual a importância dela para a sociedade?

Dr. N.O.Facure - Medicina e Espiritismo têm pontos de encontro de extraordinário significado. A Medicina está comprometida com o sofrimento e o Espiritismo esclarece e justifica as causas profundas desse sofrimento. A Medicina nos traz a esperança para a vida e o Espiritismo nos revela a continuidade da vida.

A AME-Brasil é uma idéia feliz, de união de propósitos, que permite ao médico, que aprendeu a examinar e medicar o corpo físico, incluir o paradigma espírita no estudo e na compreensão maior do ser humano.

Enquanto outras religiões lidam com a fé, com crenças, com dogmas e mistérios, o Espiritismo propõe uma descrição racional para a vida futura, uma justificativa confortadora para nosso sofrimento, um propósito coerente para nossa evolução. No Espiritismo, a natureza e a essência da vida não aparecem como uma produção mágica de um Deus que cria e castiga, que acolhe e expulsa do paraíso, que ama e condena ao sofrimento eterno. O Espiritismo mostra a vida como um processo de crescimento permanente que não se limita a uma única existência. As doenças fazem parte das conseqüências das nossas escolhas e atitudes, permitindo o resgate que nos harmoniza com os semelhantes que ofendemos, a reconciliação com o parente que prejudicamos, a regeneração dos órgãos que vilipendiamos, o equilíbrio da mente que descontrolamos, a doença e a cura são lições que estão ligadas à iluminação do Espírito.

O Espiritismo facilita ao médico, que quer se comprometer com a transcendência espiritual do ser humano, uma bagagem cultural, que pode ser expressa e difundida em qualquer meio social, inclusive o universitário, como é o caso da área médica em particular.

Na medida em que a AME-Brasil proporciona a troca dessa experiência que estamos acumulando com interpretação espírita para a saúde e a doença, a Medicina e a sociedade por inteiro colhem frutos vantajosos dessa união.

O modelo médico de estudo e pesquisa tem-se aprimorado nos encontros das diversas associações médicas. A AME-Brasil pode se valer dessa experiência e programar o estudo sistematizado de temas básicos, criando grupos de estudos com áreas de interesse privilegiado. Por exemplo, pode-se criar Grupo de Estudos da Obsessão, Grupo de Estudos de Curas Espirituais, Grupo de Estudos do Fenômeno Mediúnico e Anímico, Grupo de Estudos da Doença Mental e Doença Espiritual, etc.

Sendo o Espiritismo a “Doutrina dos Espíritos” a AME-Brasil terá de sair de alguma forma do campo da discussão teórica propriamente dita, para, um dia, estabelecer as normas da “praxis” espírita possível para o médico espírita exercer, no futuro, no seu ambiente de trabalho. O maior mérito desse tipo de procedimento será constituir um referencial básico para o estudo da relação entre o mundo físico e o mundo espiritual e quais as conseqüências dessa interdependência para a saúde e a doença. Como se vê, a AME-Brasil tem muito a ensinar com a prática e a experiência dos postulados espíritas. Ela deverá ser um Centro de Referência para toda a sociedade e para o meio universitário em particular.

(Transcrição da Folha Espírita, agosto de 1997.)

- // -

SEARA ESPÍRITA - FATOS EM NOTÍCIA

CONGRESSO INTERNACIONAL DE TRANSCOMUNICAÇÃO

Realizou-se em São Paulo, Capital, em 16 e 17 de agosto passado, no Grande Auditório do Centro de Convenções Anhembi, o II Congresso Internacional de Transcomunicação, com a abordagem do tema "Do Gravador ao Computador: Vencendo Desafios, Vozes do Universo Estabelecem as Infovias do Século XXI". A sessão de abertura ocorreu na manhã do dia 16, estando presentes o Presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, Antônio Cesar Perri de Carvalho, o Presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo, Moacyr Petrone, e o representante da Federação Espírita Brasileira, Diretor Paulo Roberto Pereira da Costa, que transmitiram aos congressistas a mensagem de suas instituições. A palestra inaugural foi proferida pela Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, seguindo-se as exposições de Jules e Maggy Marsch, de Luxemburgo, Sarah Estep (Estados Unidos), Marc Macy (Estados Unidos), Paola Giovetti (Itália), Ralf Determeyer (Alemanha), Friedrich Malkoff (Alemanha), Sonia Rinaldi (Brasil), Vicente Lupuseli (Brasil), Maria Isabel Saraiva (Portugal) e Jacques Blanc Garin (França). O Presidente de Honra do Congresso foi o médium-missionário Francisco Cândido Xavier.

COLÔMBIA: JORNAL COLÔMBIA ESPÍRITA

A "Confederación Espiritista Colombiana" acaba de lançar seu órgão informativo, o jornal Colômbia Espírita. Em sua primeira edição, além de noticiário atualizado sobre o Movimento Espírita colombiano e de outros países, apresenta reportagem sobre os 70 anos de mediunidade de Francisco Cândido Xavier e sobre o ciclo de palestras realizado por Divaldo Pereira Franco em diversas cidades daquele País, em comemoração aos 50 anos de sua oratória espírita.

SANTA CATARINA: FEC REALIZA CICLO DE PALESTRAS

A Federação Espírita Catarinense promoveu o 1º Ciclo de Palestras Espíritas de Santa Catarina no período de 26 a 28 de setembro deste ano, dedicado à Campanha de Divulgação do Espiritismo, lançada pela Federação Espírita Brasileira e aprovada pelo Conselho Federativo Nacional. O evento ocorreu no Departamento de Eventos do Hotel Cambirela, com a abordagem de oito temas fundamentados na Codificação Kardequiana, pelos expositores Alberto Ribeiro de Almeida (PA), Altivo Ferreira (SP), Geraldo Guimarães (RJ), Heloísa Pires (SP) e José Jorge (RJ).

RICHARD SIMONETTI NOS ESTADOS UNIDOS

O escritor e expositor espírita Richard Simonetti visitou, no mês de junho, os Estados Unidos da América, onde proferiu sete palestras nas cidades de Los Angeles, Nova York e São Francisco, seguidas de perguntas sobre vários assuntos, principalmente a respeito da morte, tema do seu livro "Quem tem Medo da Morte" que está sendo traduzido para o inglês, além de ter uma tradução para o espanhol.

SÃO PAULO: FEIRA DO LIVRO EM HOMENAGEM A KARDEC

Um carimbo filatélico da Empresa de Correios e Telégrafos, alusivo ao cinquentenário da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) foi lançado no dia 6 de outubro, por ocasião da abertura da Feira do Livro Espírita que a USE realizou na Secretaria Estadual de Esportes e Turismo, Rua 15 de Novembro esquina com São Bento, no centro da Capital paulista. A Feira do Livro homenageou Kardec e se prolongou até 17 de outubro, sendo realizadas palestras espíritas diariamente. (D.E.)

CEARÁ: ESTÁTUA DE BEZERRA DE MENEZES

Uma caravana espírita de Fortaleza visitou o Pólo de Divulgação Espírita Bezerra de Menezes, em Jaguaratama, no dia 29 de agosto passado, quando se realizou a inauguração da estátua desse Benfeitor Espiritual. Foi inaugurado, também, o galpão destinado às aulas de evangelização infantil e à assistência a quase uma centena de famílias carentes.

PERNAMBUCO: ENCONTRO SOBRE ATENDIMENTO ÀS GESTANTES

O VII Encontro Estadual sobre Atendimento às Gestantes no Centro Espírita foi realizado pela Federação Espírita Pernambucana em sua sede, na cidade de Recife, nos dias 13 e 14 de setembro, com a abordagem dos seguintes temas: "Maternidade: Bênção x Compromisso", "A Nutriz na Gestação x Nutriz", "Confecção de Enxovais" e "A Arte de Contar Histórias". Foram expositoras a Dra. Gracília Barros e as professoras Luiza Antonieta Nascimento e Clara Alves de Assis.

FEESP: ENCONTRO DE ESPIRITISMO

A Federação Espírita do Estado de São Paulo promoveu em sua sede, no Auditório Bezerra de Menezes (Rua Maria Paula, 140, São Paulo, SP), o 20º Encontro de Espiritismo, no dia 28 de setembro, cujo programa, organizado pela sua Área de Divulgação, contou com a palavra do Presidente Moacyr Petrone, apresentação de números de arte pelo Departamento de Artes Cênicas e "Pinga-Fogo" com os expositores Nena Galves, Antônio Dias e Carlos Eduardo da Silva.

- // -